

Paula Soares & Panayiotis Sarantopoulos (Co-Criadores)

# Projecto Piloto **Matinés Cinéfilas**

Vivências de Cinema & Multiculturalidade no Alentejo

**Diário de Bordo**

rotas da alma cigana...

mãos que se aquecem ao fogo,  
nómadas com asas,  
músicos por inerência....

Paula Mar sobre Latcho Drom (1993) de Tony Gatlif

## **Projecto Piloto Matinés Cinéfilas**

O 'Projecto Piloto Matinés Cinéfilas' desenvolveu-se activamente ao longo de 3 anos entre Março de 2007 e Abril de 2010 através de uma parceria entre o CIEP-UE Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora e o CCR - Centro Cultural do Redondo. Realizaram-se 28 sessões de 'Matinés Cinéfilas' com uma duração média de 4-5 horas, mensalmente aos Domingos à tarde no Auditório do Centro Cultural do Redondo, em Regime de Voluntariado.

As sessões realizaram-se no Auditório do Centro Cultural do Redondo seguidas por Tertúlias Temáticas e Vivenciais em espaços que integram a Comunidade do Redondo, nomeadamente, o Chá de Luar, a Enoteca, o Museu do Barro, a Ludoteca, o Eco-Museu e o Convento de São Paulo na Serra de Ossa.

O 'Projecto Piloto Matinés Cinéfilas' teve por objectivo divulgar e promover a temática da 'Multiculturalidade' e com isso contribuir para a Educação para a Paz e Tolerância Cultural no Planeta através da divulgação de recursos de Cultura Visual (Cinema) e de Vivências Culturais como Tertúlias, Sessões de Poesia do Mundo, Danças do Mundo, Cozinhas do Mundo, Músicas do Mundo e Artes do Mundo.

O Projecto Piloto Matinés Cinéfilas caracterizou-se ainda pelo facto de se constituir como um espaço de divulgação cultural para públicos multi-geracionais envolvendo Cinéfilos Adultos, Cinéfilos Júniores e Cinéfilos Séniores.

De acentuar que foi característica deste Projecto-Piloto de Investigação-Acção o facto de se ter baseado integralmente no Voluntariado de todos os seus Colaboradores.

## **Vivências de Cinema e Multiculturalidade no Alentejo**

Num mundo com expressão global emergente, é necessário fomentar o conhecimento vivencial de outras culturas com o intuito de promover e facilitar o diálogo entre os Povos.

Neste Projecto Piloto recorreremos ao Cinema como ferramenta de incentivo à reflexão e à vivência da Multiculturalidade.

Integramos temáticas vivências de ‘Multi-Culturalidades’ que encontramos no seio das Culturas Lusófonas, bem como ‘Multi-Culturalidades’ de outras Culturas, por vezes distantes e menos conhecidas.

Co-criou-se um formato que consistiu em incentivar a Expressão Cultural como ‘Vivência’... A visualização de um filme sobre uma Temática seguida de uma Tertúlia com Expressão Criativa e Vivencial dessa Temática. Este formato tornou-se rapidamente popular ampliando o público que passou a frequentar as sessões das Matiné Cinéfilas. Cineastas, cinéfilos, artistas, músicos, académicos, população local, juniores, seniores, passaram a frequentar com regularidade as Matiné Cinéfilas.

As rubricas de maior e repetido destaque ao longo dos 3 anos em que o Projecto decorreu centraram-se em torno de apresentação e divulgação de ‘Novos Cineastas no Alentejo’ e do ‘Cinema Iraniano’, entre muitas outras temáticas como se pode ver abaixo na grelha-síntese de todas as 28 sessões realizadas.

## **Diário de Bordo**

Optámos por apresentar aqui, no contexto deste Projecto Piloto, o Diário de Bordo como Metodologia Evolucionária de Apreender e Integrar Novos Conhecimentos de modo Vivencial e Criativo...

O Diário de Bordo constitui-se como uma forma de estruturar conhecimento de modo autónomo dando espaço ao desenvolvimento de todas as potenciais formas de Expressão Integral (Ken Wilber). Só ampliando as formas de aquisição de conhecimento podemos ampliar os horizontes dos resultados a obter...

Nos ‘velhos sistemas de ensino’ que actualmente se encontram em grave crise existencial, usavam-se modelos de avaliação ‘fechados’ baseados na reprodução de informação através de testes, frequências e exames. Esses modelos de avaliação fechados não incentivavam a construção de novo conhecimento, mas sim ‘reprodução’ de informação prescrita por ‘entidades reguladoras’.

No Século 21 em que sabemos que existem pelo menos 9 formas de Percepção e Expressão de Inteligência (Harward Gardner, Multiple Intelligences) não se percebe porque é que as metodologias ainda em vigor não vão ao encontro das necessidades de uma Nova Abordagem de Educação que potencia o que de melhor cada indivíduo possui.

Mas para isso é necessário dar a cada indivíduo a ‘liberdade’ de se expressar do modo que melhor se adapta à sua essência. Ou seja, na prática e no futuro as metodologias de avaliação devem integrar naturalmente a Teoria das Inteligências Múltiplas (Howard Gardner) permitindo que o Sistema de Ensino co-crie metodologias de avaliação que salvaguardem as ‘múltiplas expressões de inteligência’ que a ciência já conhece.

Na Pedagogia Waldorf desenvolvida por Rudolf Steiner, não existem ‘Manuais Escolares’, isto porque são os alunos que vão co-criando os seus ‘Manuais’ ao longo do seu estudo. A co-criação de Diários de Bordo inspira-se neste sentido na Pedagogia Waldorf incentivando de modo prático a construção e a co-criação de conhecimento...

Ao longo do ano lectivo de 2009-2010 em que o Projecto Piloto Matiné Cinéfilas estava a decorrer, decorreu também uma Experiência de Pedagogia Inovadora no Departamento de Artes Visuais da Escola de Artes da Universidade de Évora no âmbito da disciplina de ‘Comunicação Visual I e II’ leccionada aos Cursos de Artes Visuais e de Design.

Por consentimento dos alunos foram anuladas as ‘Frequências’ para as Disciplinas de ‘Comunicação Visual I e II’, substituindo-se pela criação de Diários de Bordo. Todos os alunos tiveram como proposta a integração de todos os pontos do Programa no seu Diário de Bordo filtrado através da Percepção Crítica e Criativa de cada aluno. Os resultados revelaram um grande sucesso desta metodologia. Os alunos empenharam-se muito e obtiveram elevados resultados. Os Diários de Bordo desenvolvidos constituem prova que a liberdade de expressão criativa amplia a capacidade de aquisição de conhecimentos de modo integrador aumentando profundamente a motivação e com isso a dedicação ao objecto de estudo.

Com base no atrás descrito optámos aqui pela apresentação de um Diário de Bordo que reflecte as essências de 28 sessões de Matiné Cinéfilas que decorreram entre Março de 2007 e Abril de 2008 no Auditório do Centro Cultural do Redondo, destacando aquelas que mais impacto tiveram no público, bem como aquelas que noutros contextos poderão ser ‘re-criadas’ e disseminadas incentivando com isso uma contínua divulgação e integração de percepções e vivências de ‘Multiculturalidade’ a partir de registos cinematográficos... Um dos elementos inovadores que aqui legamos...

## **Estilo**

Neste Projecto Piloto que integramos ao longo de 3 anos, onde a Inovação Criativa e Vivencial foi uma constante no âmbito das relações estabelecidas entre Educação e Comunidade, destacamos também a necessidade da revisão de estilo no âmbito da divulgação de resultados inerentes a Projectos de Investigação-Acção... Consideramos que alguns dos ‘estilos’ de escrita da ‘velha academia’ já não estão de todo adequados aos tempos que vivenciamos na segunda metade do Século 21. O conhecimento para poder chegar a um vasto público de cidadãos terá de ser claro, sintético, transparente e acessível... facilitando desse modo a circulação de informação e o acesso ao conhecimento em sociedades de Cidadania Esclarecida...

## **Educação & Comunidade**

Consideramos que os Projectos de Investigação-Acção a desenvolver pelas Academias do Século 21 devem integrar prioridades de relacionamento entre a Academia e a Comunidade... pois de nada serve estudos que repousam sobre as prateleiras das Bibliotecas Académicas se não contribuem para a Evolução Cultural das Comunidades em que se inserem. As ‘velhas academias’ necessitam sair as suas ‘torres de marfim’ procurando relações dinâmicas de inter-acção cultural com as Comunidades Envoltentes. Educação & Comunidade deverá ser um dos pilares prioritários para as próximas décadas visando a co-criação de Novas Culturas e Comunidades com autonomia e criatividade capazes de expressarem resiliência criativa perante os desafios dos Novos Tempos...

## **Chá de Luar**

Destacamos aqui a parceria que existiu entre as ‘Matinés Cinéfilas’ e o ‘Chá de Luar’, uma Casa de Chá situada num Monte Alentejano à entrada do Redondo, que hoje em dia já não existe como ‘Chá de luar’, mas que se manifestou como uma Parceria Perfeita no Tempo para todos que nela participaram, pois ao longo de várias sessões o Chá de Luar acolheu as Tertúlias que se seguiram após o visionamento dos filmes no Auditório do Centro Cultural do Redondo, desenvolvendo receitas e pesquisas bibliográficas relacionadas com as temáticas de cada sessão das Matinés Cinéfilas.



**Palavras-chave:**

Projecto Piloto em Regime de Voluntariado

Investigação-Acção

Cinema & Multiculturalidade

Diário de Bordo

Extensão Universitária

Educação & Comunidade

Centro Cultural do Redondo

Desenvolvimento Local - Conhecimento Global

Cultura Vivencial

## **Colaboradores em Regime de Voluntariado que integraram este Projecto**

### **Piloto:**

António Cunha (fotógrafo)

Aurora Ribeiro (cineasta)

Cristina Coelho (bailarina)

Duarte (fadista)

Fernando Cardoso (investigador da cultura indiana)

Francis Manceau (cineasta)

Francisco Soares (investigador de literatura africana de expressão portuguesa)

Janita Salomé (músico)

João Jorge (cinéfilo júnior)

João Maria Bastos (cinéfilo júnior)

Jorge Pelicano (cineasta/reporter SIC)

Luis Calapez (Directora do Centro Cultural do Redondo no período em que decorreram as

Matinés Cinéfilas)

Mariana Caixeiro (investigadora da cultura indiana)

Michael Biberstein (pintor)

Miguel Mocho (cineasta /músico / performer)

Pablo Vidal (músico / performer)

Panayiotis Sarantopoulos (co-criador do projecto piloto matinés cinéfilas)

Paula Mar (cineasta / poetisa /performer)

Paula Soares (co-criadora do projecto piloto matinés cinéfilas)

Pierre Marie Goulet (cineasta)

Raquel Soares (cinéfila júnior)

Susana Gutierres (performer)

Teresa Garcia (cineasta)

Ulisses do Monte (cineasta / perfomer)

Virginia Dias (poetisa / actriz)

## **Extensão Universitária | Educação & Comunidade:**

CIEP-UE - Centro de Investigação em Educação e Psicologia da Universidade de Évora

(Linha de Investigação B3 :Arte , Educação & Comunidade)

Auditório do Centro Cultural do Redondo

Enoteca do Redondo

Chá de Luar

Ludoteca do Redondo

Museu do Barro

Eco-Museu do Redondo

Convento de São Paulo (Serra de Ossa)

# Projecto Piloto Matinés Cinéfilas

Vivências de Cinema & Multiculturalidade no Alentejo

## Diário de Bordo

**3 anos** (25 de Março de 2007 e 18 de Abril de 2010)

**28 sessões** (mensalmente ao Domingo à tarde)

**dezenas de colaboradores** (em Regime de Voluntariado)

**centenas de participantes** (multi-geracionais)

das minhas pequenas paixões  
até à vastidão do mundo  
e às grandes cidades tuas  
viajei  
por entre as palavras tuas despidas de corpo,  
afagando os teus cabelos feitos de mar

dímitra manda, até à vastidão do mundo (1987)

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

25 março 2007

# sessão I

## **Pastores da Serra da Estrela - Património Cultural em Extinção?**

**Cinema:**

**Ainda há Pastores? (2006) de Jorge Pelicano**

**Tertúlia:**

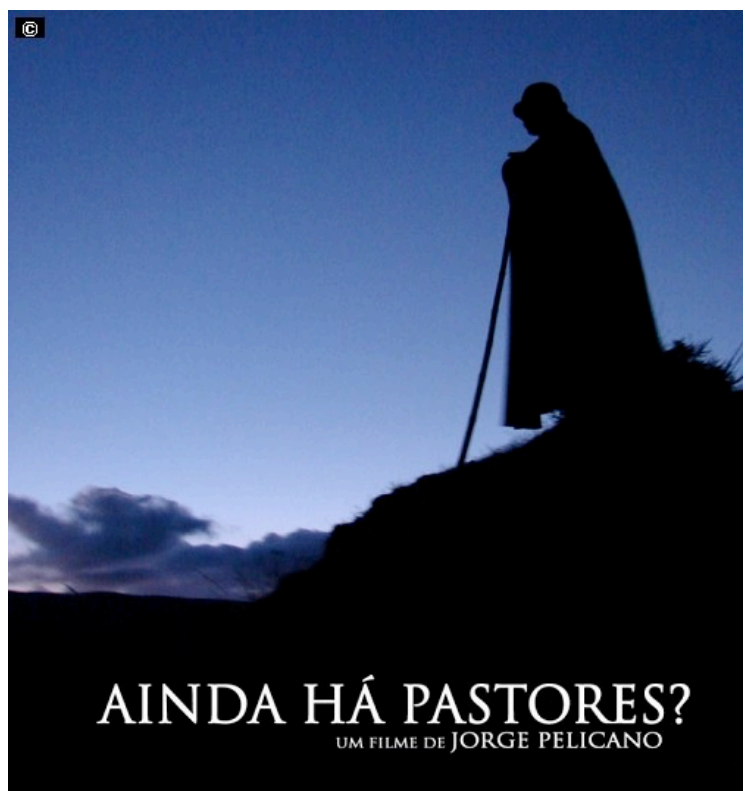
**Pastores da Serra da Estrela - Património Cultural em Extinção?**

**Colaboradores Convidados:**

**João Pelicano** (membro da equipa de rodagem do filme)

**Testemunhos**

**Cartaz**



matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

15 abril 2007

## sessão 2

### **Buena Vista Social Club** **- Espólios Musicais de Cuba**

**Cinema:**

**Buena Vista Social Club (1999), Wim Wenders**

**Tertúlia:**

**Buena Vista Social Club - Espólios Musicais de Cuba**

**Colaboradores Convidados:**

**Paula Soares (Doutoramento, entre outros, sobre a Biografia Fílmica de Wim Wenders)**

**Testemunhos**

**Paula Soares, Buena Vista Social Club - A Câmara Aprendeu a Dançar (2003)**



## Buena Vista Social Club – A Câmara aprendeu a Dançar

Paula Soares

To witness that, to be present, as this unbelievable story took place, to be allowed to accompany these musicians from oblivion, literally, to a standing ovation on the stage of Carnegie Hall, that was a gift and a privilege without equal, and at the same time a unique lesson in dignity and humility, for us and for future generations.

Wim Wenders, *The Companion Book to the Film Buena Vista Social Club*

A experiência em Buena Vista Social Club (1998), situa-se como uma nova etapa na fase que designámos por ‘o explorar do sentir – fase Yin’ na biografia fílmica de Wim Wenders. Se Wenders sempre procurou imagens ‘puras’, sons inovadores, e almas que sentem, em Buena Vista Social Club encontrou tudo isso, como que por acaso...

Ao tentarmos definir o ‘estilo’ fílmico que Buena Vista Social Club nos oferece, deparamo-nos com uma ausência de uma definição existente que possa ser adequada. Pois, embora a superfície pareça estar envolvida num formato de documentário, o dançar da câmara conta-nos histórias biográficas que fluem de conteúdo em conteúdo ao som da música cubana. O perceptor entra nessa dança da câmara e mergulha na história e na música das personagens que a compõem. Eis que surge um documentário com alma que já não pode ser considerado como um ‘mero’ documentário, mas como uma narrativa que flui como a música que a compõe. Wenders descreve a sua postura perante a rodagem de Buena Vista Social Club do seguinte modo:

Already during the filming it dawned on me that we weren’t so much making a documentary, as a character piece. We had discovered a story and we were following it. Compay, Ibrahim, Rúben, Omara, Eliades, Pío and the others were the leading actors in this story, more the ‘principal characters’, if I may put it like that, than ‘just themselves’. Only this story was true. (And so, of course, it wasn’t a really story at all).

(Wenders 2000/1999:15)

O próprio Wenders descreve, neste excerto, a sua experiência que transcendeu o documentário pela ligação anímica das personagens que passaram frente à câmara. A dinâmica que se criou entre as personagens que se auto-representavam e a equipa que os captava contribuiu para uma colagem perfeita que superou as ausências de fluxo narrativo que habitualmente caracterizam um documentário. A dança da câmara fundiu-se com o cenário que captava.

O clímax desse carácter de a câmara se fundir e se serpentear encontra-se no longo plano que descreve a subida das escadas entrando posteriormente numa grande sala ao som de Rúben González ao piano tocando para um grupo de jovens bailarinas. A beleza estética desse enquadramento em termos visuais e sonoros transporta do limiar do documentário para o plano da poesia.

Mais uma vez, como noutros momentos que integram a biografia fílmica de Wim Wenders, a decisão de rodar um filme sobre a música e os seus autores idosos esquecidos durante décadas em Cuba, surgiu como algo de imprevisto e provocou um efeito inimaginável na popularidade dos sons e das imagens captadas.

Ry Cooder, compositor bem conhecido de Wenders, deu-lhe uma cassette de música cubana gravada, pelo próprio, aquando de uma viagem a Cuba. Após ouvir esses sons, Wenders sentiu uma grande vontade de conhecer os seus autores. Com uma semana de antecedência Ry Cooder perguntou a Wim Wenders se queria ir com ele a Cuba. No espaço de uma semana, Wenders chamou uma pequena equipa de rodagem vinda da Alemanha para o acompanhar e rodou, sem guião, as histórias que lhe foram dadas a conhecer, em digital. O resultado desse trabalho iniciado e rodado 'de improviso', foi um sucesso planetário que conquistou as salas de cinema e as estantes de compact discs um pouco por todo o planeta. Roger Bromley descreve o trabalho efectuado por Ry Cooder e Wim Wenders como um produto de 'arqueologia cultural':

Cooder and Wenders have excavated the remains of a lost, but living tradition and produced a work of cultural archaeology. (Bromley 2001:107)

A nomenclatura 'arqueologia cultural' parece, particularmente, adequada, pois de facto, Buena Vista Social Club, surge como a descoberta de uma ilha perdida onde ainda prevalecem sons e atitudes que noutros lugares se extinguiram. Talvez tenha sido também por isso que a câmara tenha aprendido a dançar...

A vivência individual de um grupo de músicos idosos foi colocada num plano que permitiu alargar essa vivência ao domínio do colectivo. O efeito do ‘puro sentir’ que a alma da música cubana transmite captado por uma câmara que aprendeu a dançar introduz um elemento novo na biografia fílmica de Wenders, o fluir das imagens como água que serpenteia num rio e embala o perceptor que nele ousa mergulhar.

## sessão 3

### **Mondovino - Enocultura**

**Cinema:**

**Mondovino (2004), Jonathan Nossiter**

**Tertúlia:**

**Mondovino - Enocultura no Alentejo**

**Colaboradores Convidados:**

**Museu Regional do Vinho do Redondo**

**Testemunhos**

**Fotograma Museu Regional do Vinho do Redondo**



## sessão 4

### Novos Cineastas no Alentejo

#### Cinema:

**Querido Carlos Alberto (2006), Aurora Ribeiro**  
**O Botânico no Alentejo (2006), Francis Manceau**

#### Tertúlia:

**Novos Cineastas no Alentejo**

#### Colaboradores Convidados:

**Aurora Ribeiro e Francis Manceau**

#### Testemunhos

**Cartaz**



este apresenta

# querido Carlos Alberto

rara azeal tiago lomeiras elza galvão

realização: Barbara Ribeiro  
argumento e fotografia: Nívio Lombardi  
com: Diana Menezes  
produção: Gê Galpi

matinés cinéfilas  
vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo  
9 dezembro 2007

## sessão 5

### Kiarostami - Cinema Iraniano

**Cinema:**

**Onde é a Casa do Amigo (1987), Abbas Kiarostami**

**Tertúlia:**

**Kiarostami - Cinema Iraniano**

**Colaboradores Convidados:**

**António Cunha (fotógrafo colaborador de Abbas Kiarostami)**

**Testemunhos:**

**Cartaz**



Selección de Bontoc  
Festival de Locarno 1989

AUTOR



¿Dónde está  
la **Casa**  
de mi amigo?

IRÁN  
1987

Una película de  
ABBAS KIROSTAMI

civite

ANSA

## sessão 6

### **Novos Cineastas no Alentejo - Curtas Metragens & Café Concerto**

#### **Cinema:**

**Stoned (2007), Miguel Mocho**

**In the Mind (2007), Paula Mar**

#### **Tertúlia:**

**Cinema, Processos Criativos & Café Concerto**

#### **Colaboradores Convidados:**

**Miguel Mocho, Paula Mar**

#### **Testemunhos**

**Paula Mar, Café Concerto no Chá de Luar (2008)**

## Café Concerto no Chá de Luar

### Paula Mar

Esta sessão foi conduzida com base no modelo da Teoria da Integração de Paula Soares (Criador / Obra Espelho / Perceptor)<sup>1</sup>, tendo-se centrado o enfoque no âmbito das percepções dos perceptores após o visionamento de cada filme num ambiente de instalação sonora e visual.

Nesta sessão contámos com a presença dos realizadores Paula Mar e Miguel Mocho.

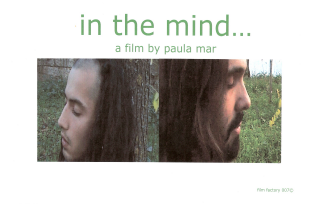
Na tertúlia que se seguiu no Chá de Luar, emergiu um concerto com Miguel Mocho e três músicos seus convidados que nos fizeram viajar através de paisagens sonoras envolventes, preenchendo muito do lugar das habituais palavras cinéfilas... De destacar a subtil homenagem a Wim Wenders através de uma variação de um excerto sonoro de Paris, Texas... Bem hajam!

No jantar “Cozinhas do Mundo” que se seguiu deliciámo-nos com rolinhos helénicos, pato mediterrâneo com laranja e marmelos alternativos com toque de canela...

Num Domingo chuvoso de Janeiro estreámos:



e



---

<sup>1</sup> Soares, Paula (2003), *Teoria da Integração: Uma Poética da Alma. Criatividade e Auto-conhecimento. Para uma Biografia Fílmica de Wim Wenders*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.

no auditório do centro cultural do Redondo

Contámos com a presença do cineasta Miguel Mocho na estreia de ‘s t o n e d’...

e contámos com a presença da cineasta Paula Mar na estreia de ‘In the mind’...

duas curtas metragens criadas, realizadas e produzidas no âmbito do Workshop ‘Entering the scene’ com David Pope (BBC) que decorreu em 2007 na Fábrica dos Leões em Évora...

matinés cinéfilas  
vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo  
17 fevereiro 2008

## sessão 7

### **Cinema Angolano, Cachupa Alentejana & Poesia**

#### **Cinema:**

**O Herói (2004), Zézé Gamboa**

#### **Tertúlia:**

**Cinema Angolano, Cachupa Alentejana & Poesia**

#### **Colaboradores Convidados:**

**Francisco Soares** (Investigador da Literatura Africana de Expressão Portuguesa)

#### **Testemunhos**

**Francisco Soares, 'O Herói' de Zézé Gamboa (2009)**

## **O HERÓI – Zézé Gamboa**

### **Francisco Soares**

Acedi, quando me convidaram, acedi imediatamente a deslocar-me às matinés cinéfilas, apesar de estar ainda, quente do sol africano, em descompressão depois da passagem pelo Saara muito acima das nuvens. Não me arrependi.

Despretensiosas mas ambiciosas, as matinés cinéfilas representaram um pertinente espaço de abertura e globalização no panorama cultural alentejano. Em Fevereiro de 2008 a exibição do filme *O herói*, de Zézé Gamboa (com produção de Fernando Vendrell), foi a esse título das mais oportunas. Não se trata apenas de um filme e de um realizador angolanos.

O realizador tem um percurso que o traz de Angola (nasceu em Luanda em 1955), onde se inicia na RádioTelevisão Popular em 1974 (no telejornalismo). Vai depois para Paris, onde trabalha como técnico de som e começa a rodar o primeiro documentário: *Mopiopio*, saído em 1991 segundo o sítio das matinés. Em 1999 realiza um segundo documentário, uma visão crítica de vários e opostos políticos angolanos (*Dissidência*). O sítio das matinés indica ainda o documentário *Desassossego de Pessoa* (2001), que desconhecia. Segundo a *Cena Lusófona*, Zézé Gamboa rodou ainda *Burned by blue* e, segundo o Festival Ver & Fazer Filmes, rodou também o documentário *5 filmes sobre a sida*. Entretanto viaja (ou viaja e vive) por Bélgica, Brasil, França, Portugal, EUA, Reino Unido, vários países africanos, outras paragens. É, portanto, um angolano cidadão do mundo.

Quanto a mim, conheci-o casualmente em Lisboa, em convivência com o pintor português e sebastianista João Moniz, que viveu a maior parte da vida em Paris e ali tinha convivido com Zézé Gamboa. No jantar havia principalmente portugueses, mas uma interessante amálgama: um cantor de um dos grupos mais saudáveis e irreverentes do rock português; uma atriz polígama, carismática e sensual; um poeta sebastianista e budista algarvio (o Francisco Palma Dias, autor de *Cante quinto* e outras obras notáveis e desconhecidas); um organizador de concertos de rock na praia, sempre

vestido de negro; uma jornalista que fizera jornalismo cultural em Angola e devia naquele momento fazer algo parecido em Portugal; creio que também estava lá o Paulo Borges, filósofo e professor de filosofia, budista e sebastianista e pessoano e por aí adiante, a mescla era imparável. Só podia. O Bairro, o bairro Alto, era naquele momento um dos nervos palpitantes da vida e a vida não tem fronteiras.

De uma grande panóplia de interesses, vivências e mitos sai portanto o realizador, como se vê. Parece-me natural que o seu primeiro longa-metragem tenha atores e atrizes do Senegal, do Brasil, Angola claro – e creio que me falhou qualquer coisa que a cinéfila erudição do leitor vai cobrir. Dadas as dificuldades em produzir cinema em Angola, mas também graças a esta biografia multipolar, o filme é uma co-produção que envolve três países, aqueles em que mais conviveu e convive Zézé Gamboa: Angola, França e Portugal.

Ciente da roda gigante em que vivemos, cada vez mais interligados, Zézé Gamboa inicia o filme com a visão panorâmica de quem desce de avião sobre Luanda. Na sequência, é-nos contada uma estória que faz a metonímia de uma parte muito significativa da cidade. Uma estória exata, na medida em que implacável, sem contemplações no seu retrato (o argumento é de Clara Baptista). Inevitável que, depois, a câmara volte a partir para levar a notícia ao mundo.

O filme é, por isso também e assumidamente, uma apresentação desta Luanda e desta Angola, de hoje. Quase tudo o que hoje é feito em Angola peca pela bajulação, pelo contorno de ‘problemas’, pela ausência portanto de autenticidade e denúncia das condições sociais e ambientais em que vivemos. O Estado ou o partido no poder nada precisam de fazer para isso: está automatizado. E empobrece-nos, promovendo mediocridades, cantoras que dão fífias umas atrás das outras se cantam ao vivo, cantores que ligam sintetizadores para gritarem alto ou contarem estórias patetas, poetas que não sabem o que é um verso nem conseguem sugerir-nos uma imagem. Escapam os pintores (que não usam a voz), escultores e o famoso por enquanto, que nesse ninguém toca. Pelo menos em parte pela sua própria biografia, Zézé Gamboa pôde manter o sentido crítico e isento.

Não cai também na tentação de retratar as cenas como se o governo fosse culpado de tudo, numa dualidade simplista com que muitas vezes se desacredita a oposição. Não. A sua perspectiva é bem mais realista e inteligente: os próprios habitantes são muitas vezes os culpados da sua situação, por reproduzirem os modelos de corrupção e arbitrariedade que lhes vêm de cima. Esse é o efeito mais longo e nefasto das guerras e das ditaduras, ou das oligarquias. Como se pode ver num livro de entrevistas, feitas por um sociólogo precisamente a deficientes físicos que mendigam em Luanda, a solidariedade entre os oprimidos, os pobres, os desvalidos, também desapareceu em muitos casos. O governo alheia-se do povo e as pessoas se alheiam umas das outras. Reparem, por exemplo, nas cenas em que entra o ministro (superiormente representado por Orlando Sérgio, um dos nossos maiores atores) e na cena em que ‘o herói’ é literalmente ‘despedido’ do hospital, ou naquela em que é espancado no cabaret.

Pode o leitor achar o filme deprimente, pessimista – o que não é difícil neste contexto. Mas o filme é também de esperança: pelo carinho com que retrata a relação entre algumas das personagens, esperançosas ainda que sem condições nenhuma de vida; pela resolução do drama daquele mutilado de guerra; e, sobretudo, pela transformação do jovem ator Milton Coelho (que faz de Manu, o órfão) numa das principais estrelas da peça: a aposta num jovem ator é a metonímia da aposta nos jovens da nação órfã. O filme apenas retrata, tirando essa aposta esperançosa, o estado geral da nação: injustiça, desespero, carinho, soluções pontuais, degradação moral e social, tudo que a câmara rigorosa de Gamboa capta naquela cidade bipolar. Para além de bem realizado, para além de uma fotografia muito boa, apesar de alguma quebra muito breve em dois ou três diálogos (que perturba a gestão da verosimilhança), o filme resultou por isso numa vivida, solidária e convincente visão do país que agora acorda para os grandes negócios que não recuperam mutilados. A sua humanidade e autenticidade valeram-lhe também o largo reconhecimento internacional: prémio no Festival de Sundance («worl cinema»), exibição no 60.º Festival de Cannes e em muitos outros festivais internacionais. Foi exibido em muitas salas de cinema de Brasil, EUA, França, Portugal, Reino Unido e uma já longo etc.. Recensões e comentários ao filme estão espalhados pela internet,



em português e inglês principalmente. Mas o que mais importa é mesmo o seu testemunho e a sua qualidade artística. O reconhecimento apenas comprova a universalidade de que nos tínhamos apercebido.

Após a exibição, num ‘equipamento cultural’ moderno e adequado, após as conversas habituais nestas sessões, partimos para o chá de luar, num monte ligeiramente elevado, perto da estrada. Ali conhecemos sabores e uma cordialidade que o próprio realizador teria apreciado, caso a agenda lh’o permitisse. Fizemo-lo nós, gratos por haver no Alentejo, no interior do Alentejo, uma tal abertura à tradição, ao mundo e à modernidade simultaneamente. Por sinal e não por acaso, tão bem conjugada aos valores da culinária local e universal, abençoada pelo pachorrento Dionísio alentejano, que não para de gerar boas cepas.

O mesmo amor pela gastronomia, somado agora aos livros, anima desde há algum tempo, em Évora, a Intensidez BiblioCafé, onde já se realizou inclusivamente uma animada e bem recheada leitura de jovens poetas angolanos, com presença de dois deles (Abreu Paxe e António Quino). Para os amantes das matinés e de outros ambientes similares não se trata de algo novo, mas de uma continuidade. Naturalmente própria, que vem acrescentar algo. Será por isso que a Intensidez acede a publicar este livro, o que todos lhe agradecemos.

Francisco Soares

Benguela, 19-05-2009

## sessão 8

### **O Círculo - Percepções do Feminino no Cinema Iraniano**

**Cinema:**

**O Círculo (2000), Jafar Panahi**

**Tertúlia:**

**O Círculo - Percepções do Feminino no Cinema Iraniano & Gastronomia Persa**

**Colaboradores Convidados:**

**Chá de Luar - Gastronomia Persa & Sessão de Poesia**

**Testemunhos**

**Carla Magro Dias, Jafar Panahi**

## **Jafar Panahi (O Homem que oferecia Pistácios)**

### **Carla Magro Dias**

Jafar Panahi realizador iraniano de “O Circulo”, de “Offside” e de “Isto não é um filme”, foi proibido de escrever, de fazer filmes e de dar entrevistas durante 20 anos pelo governo Iraniano. Preso em 2010, a sua cadeira no júri de Cannes desse ano ficou vazia, como vazio ficou o mundo de acreditar na liberdade. A condenação não impediu Jafar Panahi de enviar uma mensagem ao mundo com o documentário “Isto não é um filme”. O não filme documentário, filmado em casa, na sua prisão domiciliária, com um tapete persa como cenário é um testemunho de coragem e de resistência contra a repressão e as liberdades fundamentais. Em 2012 é-lhe atribuído o prémio Sakharov dos Direitos Humanos, pelo Parlamento Europeu em reconhecimento da coragem e determinação em defesa dos direitos de liberdade de expressão. O não filme é uma lição de cinema, a mais universal das histórias e pertença de todos os homens na terra independentemente da longitude e latitude que ocupem, das suas inerências sociais e culturais, o não filme é comunicação, tudo o que lhe proibiram e lhe estão a roubar na prisão a que está condenado. A mensagem é recebida e entendida porque o que ali se trata é comum a todos, é a liberdade, é a consciência, é o desejo de contar, de viver e de ser feliz. O não filme fez-se filme num documentário intimista, pessoal e testemunho do incerto, do sofrimento e da prisão de um ser humano superior, um apaixonado pela arte, pela liberdade, pela igualdade.

Conheci o Jafar em 2007 no 15th Artfilm Festival, Trenčianke Teplice na Eslováquia onde ele presidia o júri. Durante o festival tive oportunidade de ver com ele o filme “Fora de Jogo” que só estearia em Portugal em 2011 juntamente com “Isto não é um filme”, e o filme marcou-me profundamente, porque num país opressor como o Irão em que às mulheres são negadas tantas realidades/liberdades o filme do Jafar contava isso com a genialidade das histórias simples, passíveis de ser vividas em qualquer ponto do mundo por qualquer um de nós, e de tão simples passar nas

malhas da censura institucional porque conta uma história simples, mas também mostra um regime, uma sociedade e denúncia. Todo o cinema do Jafar trata de homens e mulheres, de pessoas e diariamente. É um cronista do tempo e uma janela aberta para o Irão de dentro para fora. Mas os donos da casa querem-na fechada e de fora para dentro não se consegue ver nada.

Em 2007 todos sabíamos que este realizador iria ter uma carreira cinematográfica cheia de sucessos, em 1995 realizou “O Balão Branco” e ganhou a Camara de Ouro do Festival de Cannes, em 1997 com “O Espelho” o Leopardo de Ouro do Festival de Locarno, em 2000 ganha Leão de Ouro no Festival de Veneza com “O Círculo” um percurso de confirmação do talento de um grande realizador. Apesar da prisão a que está condenado há rumores que vai continuar a realizar e estará para breve um novo filme do Jafar com ele a fazer o que lhe compete e nós a abrir a janela que lhe fecharam sempre que vimos os seus filmes.

## sessão 9

### **Mensageiros da Índia: - Do Upanayana ao Matrimandir**

**Cinema:**

**Upanayana, Fernando Cardoso**

**Tertúlia:**

**Mensageiros da Índia no Chá de Luar**

**Colaboradores Convidados:**

**Fernando Cardoso, Mariana Caixeiro**

**Testemunhos**

**Fernando Cardoso, Caminhos da Índia**

## **Caminhos da Índia**

**Fernando Cardoso**

Nos últimos vinte anos viajei, vivi e estudei na Índia. A primeira vez, munido de um forte sentimento Ocidental, achei que nunca mais regressaria a um país onde nada funcionava; ninguém respeitava os horários e os compromissos; o espaço próximo do corpo era continuamente devassado; os aviões partiam antes da hora marcada; o calor transformava a pele numa chaga; vivia-se rodeado de doença, miséria, sujidade ou opulência insolente; dizia-se sim com a cabeça acenando não. Depois tudo mudou e, despido de preconceitos, limitei-me a receber aquilo que a Índia podia ou queria dar. Procurei entender e partilhar uma humanidade comum vertida no quotidiano com outros códigos e outros sinais, aparentemente tão distinta e tão longe da nossa racionalidade desinfectada. Namaskar.

Índia

O filho que veste calça e camisa e estuda computadores, a mãe que faz os rituais diários e desenha rangolis brancos na lama da parede da casa, o pai de dhoti não come cebola nem alho, a parabólica maior que o telhado,

a televisão sintonizada no canal Bollywood, ao lado uma loja de telecomunicações com facturação automática: std, isd, pco, as cabras que roem os cartazes cinematográficos das paredes e dormem à sombra dos camiões Tata, os tambores do templo próximo, o camponês de tanga e sempre se conheceu assim cultiva o arroz acorado, uma bomba de água a pedal, jovens adolescentes seminuas banham-se no tanque, uma lambreta com altifalante gigante anuncia o filme da noite, um coco descascado na altura fresco e primitivo, papagaios que cruzam em voo verde os cabos telefónicos, a mercearia que vende tudo, o noticiário das oito e o som dos corvos; turistas indianos com máquina fotográfica russa, os postais do Kamasutra, os búfalos dentro de lama e lótus e o corvo à boleia, garças brancas e primordiais na paisagem pantanosa e lilás, o táxi Embassador que ficou da colonização inglesa, like riquezachó?, a pedra esculpida consoante a regra mas com a alma à

vista e o som dos corvos. Os cães perdidos, perigosos e tristes, o cordão do brahmin, a cobra, a bicicleta com fardos de palha condutor invisível, os bois corcunda, as linhas de água da rega: parcimónia e confiança, a enxada e o facão que já resistiram a invasões de estrangeiros idólatras e o som dos corvos; a cor das mulheres, a cor dos objectos, a cor das coisas, a cor grita-nos, o pinheiro alemão que cresce em clima tropical, as mulheres tribais sem o pudor do hinduísmo, braceletes e corpo à vista empunhando charuto, a família numerosa que só bebe da água que transporta mas experimenta, entre sorrisos infantis um pequeno almoço continental (vá-se lá saber porquê o nome onde nunca se é uma ilha), a buzina festa do trânsito, as vacas surdas depois de milénios de adaptação, cargas às costas de homens magros, cargas duras e ancestrais, cargas e castas, a chave de casa atada na ponta do sari, os corpos que cheiram bem, cheiro que se pega e apetece, o sândalo incendiando a cabeça que estoira e o som dos corvos; eles aos três de mão dada, óculos escuros com o autocolante da marca, lábios vermelhos de pan, o jipe com 25 pessoas a bordo onde cabe sempre mais um, os motores não têm segredos é vê-los nus, espalhados pelo alcatrão e o mecânico de turbante trabalha em padmasana, change money?, quando não há eira há estrada que é um bom lugar, os grãos descascam e o vento do trânsito afasta a palha, a preocupação doentia pela nota amachucada como se valesse menos, curd not possible dito com o sorriso rasgado de quem vai já buscar, anúncios de prevenção da sida só em inglês porque a sida é uma doença estrangeira, hotéis em forma de caixa de música ficando a dúvida onde estarão as camas, os coolies de vermelho e os comboios intermináveis, os pés nascidos da terra, o sono em qualquer postura e quando é preciso, bites e bytes de Bangalore Valley em meditação observam o tigre branco, as figuras efémeras de anil que atravessam terras vermelhas, as mãos em concha, o lótus no coração e o som dos corvos.

Kashi, Banaras, Varanasi

Começou o tempo morno em Banaras. Luz mais limpa para as câmaras fotográficas e para os olhos cansados da poeira e do som da cidade. Envolvem Varanasi várias camadas. Camadas de história que frequentemente subvertem as interpretações dos peritos. Camadas de tempo que “patina” a

arquitetura e a oculta, desvendando-a apenas, aos mais persistentes e pacientes. De repente, por trás de uma esquina, esconde-se Kuruksetra, um dos mais belos kunds (lago artificial) de Varanasi. Imundo de lodo e lixo com a dignidade dos locais que sabem da sua importância. Espreita-se por uma porta, tentando não pôr os pés na lama fétida e um pátio interior colunado e rendilhado dá-se a ver na cor dos saris das mulheres sentadas sobre si próprias, à conversa. Estarão assim há mil anos? Azuis pálidos, ocre de sangue derramado na pedra de Chunar, brancos velhíssimos, emolduram o olhar. Um subtil gesto de mão convida a entrar e a ficar. Camadas de gente em pulsão vital, camadas que retiramos progressivamente até chegar ao rosto que olha de frente, nos olhos. Aqui olha-se nos olhos, despudoradamente, naturalmente e sorri-se. Esta troca simples emociona. Camadas de espiritualidade encostadas a uma árvore pipal em forma de tridente de ferro e pote de barro ou lingam de argila, flores e pó de sândalo. Pedras adoçadas pela mão que toca, pequenos oráculos, templetes onde não cabe uma pessoa ou a arquitetura religiosa no seu esplendor, irrompendo pelos céus competindo com as montanhas do Norte. Espiritualidade da “mão esquerda”, na atitude tântrica do aghori que desafia todas as normas, bebendo água nas caveiras que transporta, cobrindo o corpo de cinzas das cremações, vivendo nos locais mais impuros para fortalecer o seu próprio poder. Camadas do nosso self que pairam no ar à volta e perturbam a visão e o discernimento deste real; camadas que precisamos de apagar para poder ver, entrar em comunhão com o real, fazer darshan, como um hindu que, ao visualizar a divindade passa a ser a própria divindade. Em Banaras, quando se olha o Ganges, rio sagrado, cemitério de vacas, homens santos e crianças, rio que aqui corre de Sul para Norte, ao contrário dos outros e do resto do seu percurso, quando se olha este rio que, imagine-se, tem golfinhos, não se entende como tanta gente toma banho ritual e saúda as águas em preces silenciosas e tão simples. Na nossa terra o Sol põe-se do outro lado do mar. Aqui, nasce do outro lado da água. Quando este Sol doura as escadarias de pedra e faz luz nos olhos dos peregrinos, conquista a sombra da morte, aí percebemos Kaxi a luminosa, onde se vem morrer para não voltar a renascer. Todos os dias Banaras renasce diante de nós



surpreendentemente e, todos os dias, outras camadas se interpõem entre os nossos olhos e a luz. Namasté Banaras, perante ti...inclino-me. Muitos momentos irrepetíveis, telas sucessivas do mais puro expressionismo, mostruário da vida e da dor, lições de paciência e uma mistura dilacerante de alívio e saudade. Sei que ainda te envolvem muitas camadas de outros reais mas fico por aqui. Corre-se o risco, neste lugar, de ficar para sempre à procura de entender.

Jaisalmer

Deserto do Thar, encravado entre a Índia e o Paquistão. Fronteiras nebulosas de areia dançam na linha do horizonte embriagado de calor. A planície ganha dimensão mítica à medida que avançamos nesta recta interminável de asfalto, a caminho de uma cidade que nos garantem que existe. Autocarro indiano, super de luxe. Nos altifalantes, o último hit de Bombaim, muitos decibéis acima do suportável. Os olhos invejam a paleta de cores que veste os clãs do deserto, os brincos e pulseiras de velha prata, os turbantes, o gesto decantado e apenas essencial, o sorriso; vermelhos que vibram imóveis e silenciosos; coxia inundada de texturas de pano, barba negra, olhos brancos, vivos de ouro pontuando a silhueta; mãos tatuadas de significantes antigos de fertilidade e protecção recortam, no ar, a palavra.

A luz reverbera. O olhar semicerra-se ainda mais. Súbito, o deserto organiza-se em colina-cidade amuralhada e compacta, ocre construídos, rendilhados de sombra: Jaisalmer. No passado, cruzavam-se aqui as rotas das caravanas que comerciavam entre a Índia e a Ásia Central. A cidade enriqueceu e desenhou arquitecturas douradas de calcário finamente esculpido. O crescimento do comércio marítimo e a consolidação do porto de Bombaim, levaram a cidade ao declínio. Mais tarde, a separação do Paquistão, o encerramento das estradas de comércio com este país após a II Guerra Mundial e secas persistentes, pareciam condenar Jaisalmer ao desaparecimento. Nos anos 1965 e 1971, com o eclodir das guerras Indo-paquistanesas, foi reconhecida a importância estratégica do sítio o que proporcionou a construção de novas estradas, a electrificação e a ligação via férrea com o Rajastão e, deste modo, com o resto da Índia. Deixar-se ir atrás dos turbantes coloridos pelas ruas de pedra sobre pedra, ocre amarelo sobre ocre amarelo, onde só a

profundidade dos volumes e sombras dá visibilidade às formas; seguir as braceletes infinitas nos braços da mulher cor de açafrão; acocorar-se para tomar chá na loja obscura e fresca, cheia de luz do jornal do dia; sentar-se e observar o olhar ruminante dos camelos, passo de dança, carga pesada, incontáveis trilhos no caminhar. Cidade circular e murada, projectada por arquitectos alucinados que desenharam a pedra como tecido fino. Na austeridade do deserto, a luxúria da escultura ofende o olhar. Cidade tátil, paredes adoçadas pela mão e pelo vento, gente amiga. Dentro das muralhas as grandes casas, os templos Jainístas e Hindus e o poder do olhar sobranceiro e em todas as direcções, sobre a plana paisagem do deserto. Encostadas às paredes exteriores da cidade, as castas intocáveis, os “filhos de Deus” de Ghandi, os ofícios impuros dos trabalhos das peles dos animais, os ofícios da morte. Nos rostos, a tensão calma da sabedoria do deserto e o caminho das estrelas que, à noite, explicitam o saber medieval de que a Terra é, de facto, o centro do Universo. Perder-se em Jaisalmer é escrever, da porta dos Correios, postais aos amigos; cola branca e espessa que cola os dedos à paisagem.

## Puri

Clara a linha que se traça aqui, em Puri, entre este Oriente e este Ocidente. Clara nos reflexos do Sol laranja no short branco que desce a rua e os olhares queimam a pele. No Café Harris, bancos corridos e mesas verdes, exposição de livros na entrada, desfilam francesas homossexuais amantíssimas, uma mulher bonita de olhos tristes e gesto assustado, um puto canadiano que acabou de telefonar à mãe, vários magríssimos junkies, a que te quer comer com os olhos e depois com os lábios, péssimas cópias do trabalho do corpo hindu, uma atónita família indiana, um casal espanhol muito zangado com tudo, várias confusões linguísticas a propósito do café black ou não, duas ou três quarentonas à procura da aventura final. Do outro lado da rua desfilam os turistas indianos devotos de Hanuman. Desembarcam aos seis de cada vez dos motoriquechós, enchem o espaço de cor e sons agrestes. Olhamo-nos mutuamente: o Café Harris como mostra de produtos do Ocidente, a porta do templo, o quotidiano deste Oriente. É clara a linha de demarcação: apenas

uma rua estreita, paralela ao mar. A geografia confirmará que o Café Harris se encontra do lado ocidental da rua.

## Pushkar

Na areia do deserto, o quadrado de água. Branco doce feito à mão abre-se em escadaria de sombra sobre o som da tarde. Fogo e corpos pintados marcam o fim do dia. A montanha da cobra, desfaz-se da pele suada para iniciar os rituais nocturnos.

Sobre a ponte, o colorido imaginado das caravanas de antanho.

Brahma e Savitri vestem-se de luz, o Cosmos recicla-se uma vez mais.

## Gangaikondacholapuram

A paisagem parou no meio da batalha do imperador Radja Radja com as tribos da montanha. A nuvem de poeira começava a assentar e, no horizonte amarelo, desenhava-se, lentamente, o templo de Gangaikondacholapuram. A sombra das acácias refazia-se no solo, a pedra do templo avermelhava a tarde. O imperador despiu a armadura, surpreendido por não estar a ser assistido nesta operação pelos seus escravos, ainda para mais tendo ganho, supunha ele, a batalha. As pesadas peças de protecção do corpo, a espada e o elmo descansavam na poeira. Radja Radja, olhou em volta, chamou os capitães, os criados. A voz ecoava na pedra de Gangaikonda juntamente com o coro desafinado de corvos e macacos. Percebeu que estava só e, que o templo que agora via, apenas o tinha imaginado antes da batalha, não podia estar ali. Contornou a pedra, subiu os degraus, confrontou-se com Surya e Vixnu nas paredes laterais. Voltou a chamar os seus capitães e gritou bem alto pelos criados, mas nada. A voz reverberava nas pedras como um mantra infinito e recorrente. Radja Radja sentou-se e resolveu meditar como Ihe tinha ensinado o seu mais querido mestre. Concentrou-se na respiração e no mantra, inspirou, expirou, inspirou...a batalha estava brava, o suor toldava-lhe a visão. Conseguiu apenas adivinhar o silvo de uma flecha e uma dor lancinante atravessou-lhe a garganta impedindo-o de gritar. Os olhos pararam a paisagem e o

silêncio invadiu os horizontes de Gangaikonda, enquanto a pedra vermelha se desfazia em pó lento e inexorável e as estátuas desapareciam diante dos olhos já líquidos do imperador. Um século mais tarde, no local da batalha, iniciou-se a construção difícil e demorada de Gangaikondacholapuram. Várias equipas de canteiros abandonaram o local ao longo dos anos em fuga aterrorizada. Diziam ouvir mantras dentro das pedras e uma respiração cadenciada como a de quem medita.

### Kajal

Sentou-se no chão para escolher o arroz. Seios opulentos, o gesto farto e elegante. Transpira o sexo ignorado, mantido em segredo por tantos rituais. Adivinha-se o transe na carne. O kajal nos olhos acentua a fantasia do observador. Neste território de poeira e frescura, sândalo e chá, a pedra vermelha escalda até chegar ao rio. Os cânticos do Guitá - sânscrito a jorros nos altifalantes precários -, embalam e pontuam a margem indefinida de água-cinza, panos-flores, lama-lodo, preces-amendoim.

Lascas de madeira do cricket popular projectam à distância gargalhadas de crianças. A lepra intercepta os dedos em namasté incompleto. No reino do meio adejam, soberbos, abutres vigilantes. Neblinas, sempre, salpicadas de preto corvo. E os macacos. Sentou-se no chão para escolher o arroz e os olhos recobertos de kajal refrescante, pousaram para além da margem, surdos à cor, meditando...

### Manoj

O brahman Manoj Pandey nasceu em Bombaim e emigrou ainda jovem para Varanasi. Sendo esta cidade frequentada por uma grande população de estudantes estrangeiros que aqui passam alguns anos na produção de mestrados e doutoramentos, Manoj viu, no imobiliário, a sua grande oportunidade. Decidiu remodelar o prédio do qual era proprietário e adaptá-lo ao gosto ocidental mantendo, no entanto, a estrutura arquitectónica indiana e a sabedoria dos artesãos do sítio. As famosas e muito higiénicas “retretes turcas” foram substituídas por sanitas ao gosto ocidental com grande festa dos operários da obra; janelas com rede mosquiteira, outra inovação cuja notícia correu o bairro; peças de mármore de gosto duvidoso, posteriormente corrigido, para os tampos

dos balcões da cozinha; chão de mármore, lindíssimo polido à mão; cama fabricada no lugar por uma equipa de carpinteiros com berbequim manual e ferramentas com o melhor design industrial — torneados doces para noites quentes; pintura a cal branca, azulada, fresca, transparente; luzes gigantes néon, morada das duas osgas permanentes — a Eulália e a Nazaré; estantes de alvenaria feitas nas paredes à moda indiana e espaço, espaço, espaço. Este apartamento completo e alugado, Manoj decidiu continuar as remodelações que se arrastaram durante anos porque ele nunca conseguia ficar em paz com as soluções encontradas. Cada vez que vagava um apartamento, Manoj iniciava obras de remodelação para o tornar mais moderno, mais ousado, mais ocidental. Ao mesmo tempo, na entrada do prédio, Manoj inaugurou a primeira loja de telecomunicações do bairro — telefonemas e faxes nacionais e internacionais com facturação automática, via satélite. Tempos depois, noutra dependência, abriu uma loja de sedas que geria com o irmão e família. Estes negócios eram dirigidos da sua cadeira preferida colocada no pátio de onde emitia ordens e instruções sobre todas as matérias relativas à construção civil, à electrónica ou à fluidez da seda de Banaras mas, não se pense, que Manoj era deficiente. Da sua cadeira encomendava pan, chá, whisky, iogurte, kachauris e outros fritos picantes, instruía os filhos sobre a escola, indicava à sua mulher Usha o que devia fazer para o jantar, dava palestras sobre politica nacional, fazia reuniões com jovens nacionalistas hindus, enxotava os macacos, chamava os riquechós, jogava Karam, fumava, lia as linhas da mão. Manoj tinha uma voz gutural, enrolada e potente. Sem esforço, comandava e ainda comanda o seu pequeno mundo em Bhelupura, Varanasi, Índia.

## Gopal

Gopal é pan walla em Bhelupura, um dos bairros de Varanasi. A loja de Gopal consiste num plinto elevado, uma mesa baixa com pés de prata e os apetrechos para o fabrico do pan: folhas de pan, noz de betél, cal, tabaco de mascar, compota de rosas, folhas de menta, duas ou três pequenas taças de metal com uma espécie de pigmento comestível (é o segredo de Gopal). Gopal passa o dia em padmasana (posição de lótus) Diz-se que o pan de Varanasi é o melhor da Índia e, o pan de Gopal, é, certamente, o melhor de Varanasi. A sua mini loja é bastante concorrida sendo um local de

conversa que se estende até o meio da rua. Gopal sorri constantemente e a coreografia dos gestos na preparação do pan é encantatória. Durante uns tempos fiquei viciado neste mitta pan que Gopal me preparava cada vez que saia de casa. O pan masca-se longa e docemente e cospe-se abundantemente deixando por toda a cidade marcas vermelhas características. Depois de uma refeição bem picante, mascar esta folha com noz de betél e cal é uma frescura que inunda a boca e dispõe bem. O meu amigo Bruce dizia: if you chew five you get high!

## Nigam

Nigam nasceu em Banares depois dos seus pais terem mergulhado no poço de Tulsi, “trocado de pele”, atirado a infertilidade Ganga abaixo na direcção do mar. Nigam devia ter sido chamada mulher da água. Quando fecha os olhos castanhos, Nigam revê o poço do rio, a água dentro da água, o silêncio. Por isso Nigam prefere não dormir. Quando a cidade descansa, passeia pelas ruas com dois ou três cães por companhia. Acorda os macacos com assobios silenciosos, descobre tudo o que há para descobrir nas ruas de Kaxi, sabe de cor o que dizem os cartazes de cinema, quando vai chover, trepa às árvores para acariciar os macacos tontos de sono, informa os ratos do próximo carregamento de farinha, induz sonhos maravilhosos aos riquexós-wallas que descansam em sobressalto pelo dia que se avizinha e que ficam a sorrir dormindo, depois dela passar. Se lhe perguntam: - Nigam onde mora o Dr. Kumar, responde:

-É fácil...passando a árvore Banian em Kachauri Gali, volta-se para Norte depois das três cabras, caminha-se tanto tempo quanto a formiga acarta o grão de trigo para casa...depois há três pedras muito lisas e um ninho de vespas...é aí. Recebe a manhã com os pés na água; o sol entra dentro dela e a claridade repousa-a da noite atarefada.

## Raju

Caía a luz em Madras. Raju, seguido do irmão mais novo quase bebé, chegou à porta do restaurante. Nas mãos, a marmita vazia, no olhar, as ruas da cidade madrasta. Mediu os presentes e a situação e teve uma ideia. Chamou o empregado lá fora e propôs-lhe um negócio: Ele varreria as

flores amarelas de frangipani que cobriam o chão da esplanada, o empregado encheria a marmita. O acordo fez-se e Raju, olhos brilhantes pela maneira fácil que encontrara para poder jantar, procurou uma velha e esfarrapada vassoura atrás da árvore e começou a limpar. Aos ziguezagues, volta atrás vai à frente, ajudado pelo irmão com um ramo de árvore, volta atrás vai à frente, lá chegou ao fim da tarefa. Chamou de novo o empregado para mostrar o serviço mas este, mão esticada, apontou os cantos ainda sujos. Raju, sem largar a marmita, apanhou de novo a vassoura e, mais rapidamente, varreu flores amarelas atrás de flores amarelas para a rua. Satisfeito, arrumou a vassoura e voltou a chamar o empregado. Veio outro empregado que o mandou embora e ele explicou-lhe o contrato que tinha feito com o colega. Este empregado olhou o passeio com atenção e indicou mais umas quantas flores amarelas que entretanto tinham caído. Raju, marmita vazia na mão, repetiu velozmente a tarefa e, olhando para a agora imaculada tijoleira vermelha, deu por concluído o trabalho. Arrumou a vassoura e, dando a mão ao irmão, chamou o empregado. Por cima dele um bando de corvos estridente e espalhafatoso acabara de chegar à árvore das flores amarelas e, por entre namoros e gritos, agita-se nos ramos preparando-se para passar a noite. A marmita de Raju enche-se de flores amarelas.

## Virendra

Virendra Singh é rajastani mas vive em Banaras há longos anos. É um dos mais conceituados professores de Hindi da cidade com um grande curriculum internacional. É leitor sénior da Universidade de Wisconsin, nos Estados Unidos da América onde se desloca todos os anos. Virendra tem 3 filhas e, por isso mesmo, grandes trabalhos lhe aconteceram com a quantificação e escolha dos dotes e com a organização dos casamentos. Oriundo de uma família tradicionalista rajastani estava, no entanto, aberto a todas as modernices que os seus estudantes de várias nacionalidades lhe davam a conhecer mas, no que respeita a namoro e casamento das filhas era assunto tabu. Nem as provocações que os estudantes lhe dirigiam: — Virendra ji como se diz em Hindi casar fora da casta? — ou outras, o levavam a falar do assunto sem o peso da tradição e da

família. A sua filha mais velha Kashika evidentemente que se enamorou de um jovem indiano, seu colega de faculdade, fazendo nascer uma relação completamente apaixonada e heterodoxa. Toda a família ficou contra ela, excepto as duas irmãs e os estudantes de Virendra que lhe davam toda a força. Virendra foi bastante pressionado mas ganhou a tradição e, Kashika foi obrigada a casar, após um longo processo de identificação e escolha do noivo. Foi viver para Ajmer uma cidade do Rajastão ficando afastada da sua querida Banaras e dos contactos diversificados que a casa do pai lhe proporcionava. Kashika ficou triste e, ainda hoje, nos seus olhos grandes lagos negros emerge, entre os sorrisos hospitaleiros, o peso do Dharma.

### R. Das Gupta

Jornada a um lugar de passagem, tirtha yatra, é, no hinduísmo, o conceito clássico de peregrinação. Esta noção de tirtha significa ainda, o atravessamento, depois da morte, do rio imaginário Vaitarani que corre entre a terra e o mundo subterrâneo, governado por Yama, o deus da morte. Ou a barca do inferno e a barca do céu em Gil Vicente e os vários rios que correm para oceanos de transcendência em várias culturas.

O professor Das Gupta foi cremado nas margens do Ganges, em Varanasi, a sua cidade, depois de ter abandonado há muitos anos, o Bangladesh. Na cidade da luz Das Gupta, hindu, ensinava a arte e os rituais dos Gregos e dos Romanos e uma extraordinária cadeira chamada Arquitectura Indo Islâmica, com uma paixão nos olhos transparentes igual à luz do Taj Mahal. Ser cremado em Banaras significa, segundo a mitologia hindu, não voltar a renascer, libertar-se deste ciclo infundável de transmigrações e de sucessivas purificações do karma. O karma de Das Gupta já era tão puro que mesmo que tivesse sido cremado noutra sítio, iria directamente para o território das almas puras. Namasté Das Gupta ji.

### Rituais védicos

Imagino clãs em deslocação, atravessando a planície indo-gangética com rebanhos e parques pertences. Na cabeça dos xamans, uma parafernália de material “sruti” (revelado): mantras,



invocações, entidades naturais aliadas e inimigas, sombras e penumbras que apoquentam o ser, ameaças de regresso ao fim da noite dos tempos quando todas as coisas regressam a Brahma ou, pelo contrário, auroras radiosas quando tudo é devolvido à luz e o novo dia começa, e a busca incessante e calma prossegue. Imagino pequenos objectos de madeira, produto do mais escrupuloso e ióguico projecto de design industrial duma qualquer Bauhaus com sede em Meru; pequenos objectos de oferta do fogo ao fogo, da água às águas exangues de um Ganges que ainda não se chamaria assim, de oferendas de manteiga para temperar os cogumelos - Soma que tornam líricas e atormentadas as invocações de deuses sem silhueta. Imagino o mistério quando, no auge da monção, um relâmpago incendeia a pradaria e Agni, soprado por Vayu, empurra esta caravana para terras e abrigos impuros, causando consternação e profunda tristeza nos clãs. Imagino a invenção de mantras e a recordação de outros tão longínquos que o som se materializa em quadrado desenhado no chão e o Oriente é propiciador de purificações demoradas e sentidas. Imagino a inquietação dentro das auroras prolongadas, no limbo dos crepúsculos misteriosos, quando o Sol se faz Lua e os animais se aquietam mortalmente. Imagino que atravessam um rio e que o povo amedrontado paralisa a sua marcha até que o Sol volta a viver e ninguém sabe para onde foi a Lua e os pássaros gritam de novo. Imagino que se cruzam com muitas outras gentes, com muitas outras línguas que acampam longe mas suficientemente perto para mostrarem os cavalos e as vacas espantando autóctones dravídicos que, por sua vez, inventam também novos rituais. Purificam-se quando chegam, purificam-se quando partem e escrevem na memória novas palavras, novos ritos, novas formas de protecção. E fazem-se ao caminho.

E fazem-se ao caminho por muito tempo. Um grupo segue os cursos de água, outro o perfil das montanhas. Percebem que é uma terra fértil, engordam homens e animais. Há tantas gerações que caminham que talvez tenha chegado o momento de assentar as palavras e os ritos coleccionados. Os xamãs, olhando os astros concordam que o local é propício. Acampam. Invocações prolongadas são feitas ao Sol, à Lua, aos ventos frescos do Norte, às águas poderosas dos rios. Tudo parece conforme com a coisa cósmica. Resolvem ficar. Inventam alfabetos e habitações precárias, fabricam

utensílios próprios de gente sedentária. Com os outros habitantes da planície trocam mais intensamente línguas, costumes, invocações, afectos. Fixam em longos e sonoros textos de rigorosa métrica o que sabem do Mundo, o que lhes foi revelado na busca incessante dos caminhos do mito. Através de sacrifícios abrem uma porta de futuro que ainda hoje se não fechou.

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

25 maio 2008

## sessão 10

Baraka

Arquétipos na Mochila & Multiculturalidade(s) no Écran

**Cinema:**

**Baraka (1992), Ron Fricke**

**Tertúlia:**

**Arquétipos & Multiculturalidade em ‘Baraka’ de Ron Fricke**

**Colaboradores Convidados:**

**Paula Soares**

**Testemunhos**

**Paula Soares, Arquétipos na Mochila, Projecções no Écran ou Rumo a Rotas de  
Multiculturalidade em Cultura Visual**

## **Arquétipos na Mochila, Projecções no Ecrã ou Rumo a Rotas de Multiculturalidade em Cultura Visual...**

**Paula Soares**

Resumo:

Este artigo tem por objectivo constituir-se como uma contribuição para a descoberta de Rotas de Multiculturalidade com base em recursos de Cultura Visual.

Para tal centrar-nos-emos no Paradigma da Percepção Integrativa de Projecções (Soares, 2008), tendo por base a decodificação e integração de Arquétipos, as Imagens Universais provenientes do Inconsciente Colectivo que todos os seres humanos partilham (C.G. Jung).

Com base na teoria de equivalências entre o Ecrã Interior e o Ecrã Exterior (Soares, 2003), procurar-se-ão delinear Rotas de Integração da diversidade que flúem entre Obras-Espelho e Perceptores. Como exemplo de “Arquétipos na Mochila, Projecções no Ecrã”, propomos a visualização da película Baraka (1992) de Ron Fricke como ponto de partida para se acompanhar esta reflexão vivencial...

Palavras-chave: Arquétipos; Percepção Integrativa; Multiculturalidade; Cultura Visual.

Quanto mais a Consciência evolui,  
tanto mais se desenvolve para lá dos estreitos limites do Ego Pessoal,  
tocando o Transpessoal e Universalmente Divino.

Ken Wilber (1999),  
“No Olhar do Artista”

Tal como há cerca de quinhentos anos a revolução cultural e de paradigmas se processou, entre outros, com Gutenberg, Vasco da Gama e Galileo, no âmbito das descobertas da imprensa escrita, das rotas marítimas, da localização do planeta terra numa perspectiva heliocêntrica...

...também no âmbito da revolução cultural e de paradigmas que estamos a presenciar neste início do século 21, acoplado ao início do terceiro milénio, encontramos novas descobertas...

...o acelerar do ritmo e dos recursos de comunicação global, o surgimento das ciências da consciência como nova área de investigação a integrar, a integração da diversidade na unidade, a educação pela arte como modo de desenvolvimento humano e social...

A humanidade distancia-se gradualmente da era do texto escrito em papel rumo a uma era de comunicação virtual e visual... este fenómeno irá certamente interferir no modo como a educação será percebida no futuro...

Poderemos continuar a acentuar a importância dos livros impressos para aquisição de conhecimento nas próximas gerações que crescem e se movem em torno de novos modos de comunicação..?

Não constituirá, por exemplo, a Wikipedia, uma base de dados electrónica à qual toda a humanidade pode aceder, o princípio de um novo paradigma de aprendizagem que visa dotar os seres humanos de capacidades de gestão e de pesquisa de conhecimentos num enquadramento autónomo...? Certamente ainda um longo caminho a percorrer, contudo já temos acesso a novas coordenadas a desenvolver... integrá-las-emos? Não será tempo de integramos que os paradigmas culturais e educacionais que formataram muitas das gerações do século XX já não se adequam às novas gerações...? O que poderemos então ensinar à geração que cresce lendo Ken Wilber<sup>2</sup>...que constrói wikis, que comunica por skype, msn, sem fios, com todo o planeta...?

Importa neste contexto centrar as nossas atenções na nova área de investigação que se move em torno da Cultura Visual... Comunicação por Ecrãs que activa necessariamente outros quadrantes do cérebro humano... enquanto que a escrita se processa essencialmente a partir do hemisfério esquerdo do cérebro, o lado analítico da mente, a percepção de imagens processa-se essencialmente a partir do hemisfério direito

---

<sup>2</sup> Ken Wilber \*1949, filósofo americano, criador da Teoria Integral da Consciência, o equivalente a um Hegel do século 21... Um autor que deverá integrar os tópicos de aprendizagem da educação do futuro...

do cérebro, o lado sintético da mente<sup>3</sup>... trata-se, sem dúvida, do início de uma revolução na mente humana...

Para podermos entender plenamente a mente humana no futuro, surgem as Ciências da Consciência como novas áreas do conhecimento a aprofundar<sup>4</sup>...

Para as nossas reflexões, neste contexto, centrar-nos-emos no Paradigma da Percepção Integrativa de Projecções e suas ligações com o desenvolvimento da Consciência Multicultural<sup>5</sup> através da Cultura Visual...

Para tal será necessário lembrar o significado e a importância dos Arquétipos, das Imagens Universais que Carl Gustav Jung descobriu há cerca de 100 anos...um lugar da Consciência ao qual, com treino e com tempo, poderemos aceder, análogo a uma Wikipedia do Inconsciente Colectivo edificado ao longo dos tempos por todos os seres humanos...

Num mundo que se constrói galopando rumo a uma globalização imparável, mas moldável, urge entender que para lá da diversidade que dá cor à superfície do ser humano, existem outras camadas mais profundas que todos os seres humanos partilham, são essas raízes comuns que importa (re)descobrir e ampliar... os Arquétipos, as Imagens Universais.

A Cultura Visual pode desenvolver um papel crucial neste contexto incentivando a Percepção Integrativa de Projecções. No eixo Ecrã Interior / Ecrã Exterior encontramos uma das chaves que pode exemplificar a Percepção Integrativa de Projecções. A Percepção Integrativa sustenta-se no paradigma dos 7 níveis de Consciência que se espelham no exterior através das obras que se criam<sup>6</sup> (criador – obra-espelho – perceptor), implica por conseguinte uma relação omnipresente entre arte e consciência em termos de paradigma do futuro... Mais que a mera expressão de capacidades criativas, a arte do futuro deverá estimular o desenvolvimento da Consciência de quem a contempla...

O filme Baraka (1992) de Ron Fricke destaca-se como exemplo de referência de Percepção Integrativa de Projecções no âmbito de uma tendência de desenvolvimento da Multiculturalidade através da Cultura Visual.

---

<sup>3</sup> O livro de Leonard Shlain constitui um excelente ponto de partida para esta reflexão. Ver referências bibliográficas.

<sup>4</sup> Em Portugal, a investigação académica no âmbito das Ciências da Consciência tem-se centrado no CTEC – Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência da Universidade Fernando Pessoa, Porto. Com base em múltiplos trabalhos de investigação e teses de doutoramento desenvolvidas ao longo das últimas décadas, surge, a partir de 1 de Outubro de 2008, a primeira e pioneira Pós-Graduação em Ciências da Consciência em Portugal sediada na Universidade Fernando Pessoa, Porto.

<sup>5</sup> Entende-se por Consciência Multicultural a predisposição de assimilar, entender e integrar vivências e percepções de culturas que se distinguem das Culturas onde processámos a nossa formação. Consciência Multicultural pressupõe que a humanidade provém da mesma raiz, tendo manifestações diversas consoante o seu enquadramento cultural e geográfico.

<sup>6</sup> Para aprofundar estas questões recomenda-se a leitura da Teoria da Integração. Uma Poética da Alma (Soares, 2003).

Na prática, a integração de ciclos de cinema multiculturais nos vários níveis de ensino, poderá contribuir para um debate mais consciente sobre as diferenças inerentes às semelhanças em percursos que se guiam segundo novas Rotas rumo à Multiculturalidade através da descoberta de recursos pró-activos inerentes à Cultura Visual...

#### Referências Bibliográficas

Grof, S. (2000), *Psychology of the Future: Lessons from Modern Consciousness Research*. New York: State University of New York Press.

Grof, S. (1998), *The Cosmic Game: Explorations of the Frontiers of Human Consciousness*. New York: State University of New York Press.

Jung, C.G. (1959), *Archetypes and the Collective Unconscious*. London: Routledge.

Postman, S. L. / Hernandez, J. J. (2001), *Cinema and Multiculturalism*. New York: Legas.

Shlain, L. (1998), *The Alphabet versus the Goddess: The Conflict between Word and Image*. New York: Penguin / Arkana.

Soares, P. (1998) 'Applied Screenism – a Virtual Paper', *Anglo-Saxónica – Revista do Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa*, Série II, n.º 8/9, Lisboa: Edições Colibri, pp.183-190.

Soares, P. (2002) 'Arquétipos e Inconsciente Colectivo - Pontes na Via do Interior' [http://www.eventos.uevora.pt/conhecimento\\_proibido/contributos/23\\_6\\_2003/Paula\\_Soares\\_-\\_Pontes\\_na\\_Via\\_do\\_Interior\\_Uma\\_Introducao\\_\\_I\\_.htm](http://www.eventos.uevora.pt/conhecimento_proibido/contributos/23_6_2003/Paula_Soares_-_Pontes_na_Via_do_Interior_Uma_Introducao__I_.htm). Accessed 24 June 2003.

Soares, P. (2008), 'Backpack Archetypes on Screen or Growing into Multiculturalism through Visual Culture and Perceptive Travel Seminars, GUNI – Global University Network for Innovation, 4<sup>th</sup> International Conference on Higher Education, Higher Education: New Challenges and Emerging Roles for Human and Social Development, <http://www.guni-rmies.net/k2008>. Accessed 15 April 2008.

Soares, P. (2007), 'Criatividade e Consciência para o Século 21: Uma Poética da Alma', Cons-Ciências, Revista do CTEC – Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência, N.º 3, Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, pp.25-58.

Soares, P. (2003), Teoria da Integração. Uma Poética da Alma. Criatividade e Auto-conhecimento: Para uma Biografia Fílmica de Wim Wenders. Évora: Universidade de Évora. Dissertação de Doutoramento.

Von Franz, M.-L. (1972), Patterns of Creativity Mirrored in Creation Myths. Zürich: Spring Publications.

Wilber, K. (1999), 'Integral Psychology: Consciousness, Spirit, Psychology, Therapy', The Collected Works of Ken Wilber, vol. 4, Boston and London: Shambhala, pp. 423-717.

Wilber, K. (1999), 'In the Eye of the Artist', The Collected Works of Ken Wilber, vol. 4, Boston and London: Shambhala, pp. 371-381.



## sessão II

### **Memórias da Humanidade - A Lenda da Atlântida**

#### **Cinema:**

**A Lenda da Atlântida (2002), Diane Eskenazi**

#### **Tertúlia:**

**Memórias da Humanidade - A Lenda da Atlântida**

#### **Colaboradores Convidados:**

**Cinéfilos Júniores**

#### **Testemunhos**

**Convite para esta sessão**

## **Convite Matinés Cinéfilas Junho 2008**

No mês em que se celebra o Dia Internacional da Criança, as Matinés Cinéfilas propõem uma viagem aos Lugares, Mistérios e Memórias da Humanidade através do filme de animação **A Lenda da Atlântida (2004)** de Diane Eskenazi...

Nesta sessão convidamos todas as crianças cinéfilas e seus educandos a participar na visualização desta película sobre a Atlântida com o intuito de abrirmos portas ao entendimento desta Lenda que habita o Imaginário Colectivo da Humanidade...

Iremos procurar algumas das localizações possíveis...

Na habitual Tertúlia que se segue, iremos (re)visitar culturalmente algumas das localizações possíveis da Atlântida...

Seguir-se-á o jantar "Cozinhas do Mundo" com sabores dos misteriosos lugares que ainda hoje se associam à Atlântida...

Uma sessão misteriosa a não perder...

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

13 Julho 2008

# sessão 12

## Encontros - Poesia no Écran

### Cinema:

**Encontros (2006), Pierre-Marie Goulet**

### Tertúlia:

**Encontros - Poesia no Écran**

### Colaboradores Convidados:

**Pierre-Marie Goulet (cineasta), Virginia Dias (poetisa)**

### Testemunhos

**Paula Soares, Encontros - Poesia no Écran (2008)**

## **Encontros - Poesia no Écran...**

**Paula Soares**

Nesta sessão das m a t i n e s e i n é f i l a s de Julho de 008, apresentámos Encontros (2006) de Pierre-Marie Goulet,

um exemplo exímio de Cinema Poesia,

um olhar de poeta cinematográfico

que entrelaça som e imagem

em tapetes de alma

que nos conduzem a vivenciar

processos de construção de memória...

Pierre-Marie Goulet integra o espectador

na analogia da memória

cruzando para tal tempos diferentes de imagem e som...

Uma experiência única no grande ecrã do auditório do centro cultural do redondo...

Cruzámos planícies, paisagens, mares

ao som da doce voz de Virgínia Dias,

uma Poetisa Alentejana,

que,

ao contrário de Florbela Espanca e de Virginia Woolf,

celebra 73 anos de vida saudável

e 50 anos de casamento feliz

ao lado de um homem que ama...

O homem que descobriu esta poetisa em sua casa

num tempo em que não era permitido a uma mulher 'ser poetisa'...

Pierre-Marie Goulet guia-nos através da analogia da memória a uma experiência de encontros sonoros e visuais inéditos no ecrã, premiando-nos ademais com a revelação da poetisa Virginia Dias,

sua protagonista

que prolongou a manifestação destes encontros sonoros e visuais com a sua espontânea e natural récita de poemas e trevas por ela elaborados...

Cumpriu-se Cinema Poesia, manifestou-se uma Trovadora...

No Chá de Luar, Pierre-Marie Goulet falou-nos do seu projecto de cinema para jovens que decorre numa Escola Secundária de Serpa. As películas desenvolvidas pelos jovens, são anualmente apresentados num festival que decorre em França sob coordenação da Cinemateca Francesa... formando novas gerações de realizadores-poetas...

Os Anfitriões do Chá de Luar receberam-nos, mais uma vez, com muita alma e envolvimento através de uma rota de sabores do Alentejo à Córsega... Bem hajam!

A todos que participaram nesta sessão agradecemos profundamente esta grande e reveladora sessão das  
m a t i n é s c i n é f i l a s...

desenvolvimento local\*conhecimento global

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

28 Setembro 2008

# sessão 13

## **Polifonias -**

## **Viagens Sonoras do Alentejo à Córsega**

### **Cinema:**

**Polifonias (1996), Pierre-Marie Goulet**

### **Tertúlia:**

**Polifonias - Viagens Sonoras do Alentejo à Córsega**

### **Colaboradores Convidados:**

**Pierre-Marie Goulet (cineasta), Teresa Garcia (cineasta),  
Virginia Dias (poetisa), Janita Salomé (músico), Duarte (fadista)**

### **Testemunhos**

**Paula Soares, Viagens Sonoras do Alentejo à Córsega (2008)**

## **Viagens Sonoras do Alentejo à Córsega**

**Paula Soares**

As Matinés Cinéfilas celebraram a sua rentrée  
com um conjunto de vivências multiculturais inesquecíveis  
que aqui vimos partilhar...

Num Domingo adornado por uma inequívoca certeza  
de que o Outono chegou ao Alentejo,  
abriram-se as portas  
do Auditório do Centro Cultural do Redondo  
para,  
nos 8 metros por 6 metros da grande tela,  
visionarmos a película  
'Polifonias'  
de Pierre-Marie Goulet ,  
um filme de 1996  
que tece pontes com os Encontros (2006)  
deste realizador de cinema poesia  
que apresentámos na Sessão de Julho...

'Polifonias' reabriu-nos caminhos da memória ...  
lembrou-nos que foi um corso  
que ao longo de várias décadas fez,  
com enorme empatia e dedicação,  
o levantamento do espólio sonoro lusitano de cariz rural:

o venerável

Michel Giacometti ...

Esta obra percorre as Polifonias do Alentejo rumo à Córsega

para simbioticamente as reunir num encontro sonoro ...

Fusões entre sonoridades das montanhas corsas

e sonoridades das planícies alentejanas...

Ecos do mesmo Som,

ecos de um Mediterrâneo unificador...

Não há dúvida,

surgiu como que uma passagem de testemunho

de Michel Giacometti para Pierre-Marie Goulet ...

os Encontros entre fraternidades sonoras e culturais

perpetuam-se na filmografia de Goulet ,

prendendo-nos com a sua distinta

capacidade poética de percepção visual...

Polifonias move-se entre sons multiculturais masculinos

que

carinhosamente

são integrados pela doce presença de Virgínia Dias...

Uma Poetisa que se liga com profunda veneração à Mãe Terra... trovando doces versos sem fim,

transportando-nos em viagens no tempo

aos fotogramas de Vivência de Alma

num Alentejo intemporalmente profundo...

As Polifonias soltaram-se do grande ecrã

para se perpetuarem no Chá de Luar



onde pudemos vivenciar Encontros sonoros

entre o Baixo e o Alto Alentejo,

nas vozes de Virgínia Dias,

(acompanhada pelo seu marido Agostinho)

e de Janita Salomé,

um dos nossos convidados surpresa ...

Frente aos realizadores

Pierre-Marie Goulet e Teresa Garcia

desenvolveu-se um intercâmbio sonoro de rara beleza....

As câmaras testemunharam-no...

e a Alma não esquece...

No jantar "Cozinhas do Mundo",

saboreámos polifonias mediterrâneas...

da Córsega...

de Marrocos...

de Itália...

coroadas pela deliciosa sobremesa

'Sonatas de Outono' ...

sabores de marmelo e noz

que nos elevaram

pela escada do paladar

ao Sótão

das memórias

de

Politika Cozinha...

àquele lugar alquímico

que metamorfoseia especiarias

em constelações cósmicas....

Após o jantar

Janita Salomé

e Duarte,

e outro dos nossos convidados surpresa,

ofereceram-nos um concerto

inédito,

multicultural,

inesquecível....

Percorreram rotas sonoras e anímicas...

recordaram-nos o espólio da 'resistência ibérica'...

Duarte cantou em grego 'To Tsigaro'...

Janita Salomé culminou com um apoteótico

'Ne me quitte pas'....

Agradecemos profundamente a todos

que participaram nesta

Vivência

de ENCONTROS & POLIFONIAS...

porque nas m a t i n é s e i n é f i l a s

“Cultura é Vivência...”

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

19 Outubro 2008

# sessão 14

**Close-Up de Abbas Kiarostami -**

**Cinema Iraniano**

**Cinema:**

**Close-Up (1990), Abbas Kiarostami**

**Tertúlia:**

**Close-Up de Abbas Kiarostami - Cinema Iraniano**

**Colaboradores Convidados:**

**Panayiotis Sarantopoulos**

**Testemunhos**

**Panayotis Sarantopoulos, Close-Up**

**Panayiotis Sarantopoulos, Close-Up, Take 2**

## **“Close-Up” de Abbas Kiarostami**

### **Panayotis Sarantopoulos**

Em linguagem cinematográfica, o grande plano (Close- up) situa-se entre os mais eloquentes... Integra a noção de mudança e dá ao espaço simultaneamente abertura e fragmentação...

O cinema kiarostâmico é inacabado e incompleto, permitindo ao espectador preencher os vazios e as lacunas...

Na perspectiva de Abbas Kiarostami, a abstracção que é aceite na pintura, escultura, musica, poesia também deve ter lugar no cinema... pelo que o empenho de um cineasta em querer mudar a vida quotidiana, só é possível com a cumplicidade do espectador...

O realizador não é o mestre absoluto, é necessário que o realizador seja também espectador do seu próprio filme... Nesse sentido, Sabsian é o alter-ego do espectador como também do cineasta...

O cinema de Kiarostami é simples minimalista e despido de artificialismos...

O argumento nos filmes de Kiarostami constrói-se durante as rodagens...

A caracterização das personagens parte das próprias pessoas... As personagens representam-se a si próprias... O cineasta iraniano do Kanun baralha a gramática cinematográfica, mistura documentário e ficção, desconstrói regras convencionais... Neste Docudrama as fronteiras do documentário e da ficção não são nítidas... as pessoas interpretam-se a si próprias...

Na sala do tribunal, há dois jogos: o Juízo da Lei e o Juízo da Arte:

a Lei usa o plano geral, a Arte (o cineasta) usa o Grande Plano...

O cinema de Kiarostami é socrático, inspirado na vida, observado e

vivido ... tal como as Matines Cinéfilas...

O jantar temático 'Cozinhas do Mundo' no Chá de Luar foi inspirado nos

sabores e nos

lugares do Cinema de Kiarostami...

## **“Close-Up” de Abbas Kiarostami - Take 2**

### **Panayotis Sarantopoulos**

I. TÍTULO/”Close – up “ Na linguagem cinematográfica, o grande plano/Close- up situa-se entre os mais eloquentes. Integra a noção da mudança e dá ao espaço cinematográfico simultaneamente abertura e fragmentação.

Mesmo sobre outro nome “as imagens das cabeças grandes” a intuição do grande plano aparece já nos filmes de Melies (inícios do séc. XX). O grande plano foi defendido, experimentado e aplicado por Griffith.

Goddard avança a ideia que a noção do grande plano foi inventada pela guilhotina e começou com a cunhagem da cara do rei nas faces das moedas. É célebre a frase de Jean Luc Goddard: “ Não é uma imagem justa, é justamente apenas uma imagem”. Depois de um século Kiarostami, fotografo, re-inventa o close- up através do seu herói – Sabsian.

2. ESPECTADOR/CINEASTA – “não aceito que se sobrevalorize ou exalte o espectador. Não quero estimular a consciência dele ou criar nele sentimentos de culpa” (Abbas Kiarostami)

Segundo o realizador de Close Up o papel do espectador necessita de maior respeito. O cinema kiarostamico é inacabado e incompleto de modo a que o espectador pode preencher os vazios e as lacunas. Na sua perspectiva a abstracção que é aceite na pintura, escultura, musica, poesia também deve ter lugar no cinema.

O empenho de um cineasta em querer mudar a vida quotidiana, só é possível com a cumplicidade do espectador.

O realizador não é o mestre absoluto, será preciso que o realizador seja também o espectador do seu próprio filme. Sabsian é o alter-ego

do espectador como também do cineasta.

3.SIMPLICIDADE – o cinema kiarostámico é simples minimalista e despido de artificialismos.

4.ARGUMENTO – O argumento nos filmes do Kiarostami constroi-se durante as rodagens.A caracterização das personagens parte das próprias pessoas.A. Kiarostami constrói e desconstrói os personagens a partir das pessoas.

5. REGRAS CINEMATOGRAFICAS – O cineasta iraniano do Kanun baralha a gramática cinematográfica, mistura documentário e ficção e desconstrói as regras convencionais

6.ACTORES/PERSOANGENS/PESSOAS – Kiarostami convive com as pessoas e estuda as suas personagens. Na altura da verdade, as personagens representam-se a si próprios.Ao observar o impostor – Sabsian – a partir do plano geral poderíamos imaginar um charlatão, mas graças aos grandes planos ele consegue dar o sentido que pretende, o herói exprime pensamentos (citando Tolstoi,Versos do Corão...) problemas (medos) que são alheios às preocupações da justiça.

Kiarostami cria problemas que os protagonistas têm de resolver.

Sabsian parece o alter-ego do cineasta dissertando sobre a vida, o cinema, a representação a realidade e a ficção.

Os actores de Kiarostami não são profissionais, não trabalham pelo dinheiro ou pela fama, eles precisam apenas de respeito.

7.DOCUDRAMA :As fronteiras do documentário e da ficção não são

nítidas, as pessoas interpretam-se a si próprias, recriando acontecimentos reais, e fazendo com que a linha entre o cinema se esbata. No julgamento, na sala do tribunal, há dois jogos diferentes: O Juízo da Lei e o Juízo da Arte. A Lei usa o plano geral, a Arte – o cineasta usa o grande plano.

## 8. MENTIRA /VERDADE; REALIDADE/FICÇÃO

Na altura da descoberta da imagem movimentada (1895) pelas mãos dos irmãos Luis e Auguste Lumière assistia-se o acto de filmar e projectar. No cinema kiarostámico, através das filmagens, projecta-se também a vida e os valores sobre ela.

A vida como o cinema provem da luz, ao mesmo tempo que o cinema e a vida são uma coisa só.

Grande parte do processo na sala do tribunal foi reconstruída sem a presença do juiz. O próprio cineasta “interroga” o réu durante mais de oito horas, num total de nove. Sabsian manipulou a família Ahanhah agora é manipulado pelo realizador que o vai projectar ao ecrán. Nos espectadores também somos manipulados pelo duplo Makhmalbaf e pelo co-construtor da história.

9. MITO/MITOMANO - O Mito ou ídolo aqui é um colega de Kiarostami o Mohsen Makhmalbaf, autor do Ciclista e do Kandahar, o mitómano é o desempregado tipógrafo e cinéfilo que idolatra o seu ídolo e quer aproveitar a sua aparência física para se tornar aceite pela sociedade.

10. CINEMA/VIDA - A velha questão :, O que é o cinema? O cineasta procura colocara as perguntas. A projecção da nossa ícone passa pela



imagem fixa e imagem em movimento. Assim também a vida projecta-se no cinema de Kiarostami

Segundo Rodrigues Silva as películas de Kiarostami são projectadas

“ Do Irão para o Mundo

Da Premissa para a Conclusão

Da dúvida para a Sabedoria

Do conflito para a Paz ..”

O cinema kiarostamico é socrático, inspirado na vida, observado e vivido .

## sessão 15

### **Latcho Drom - Nómadas com Asas - Músicos por Inerência**

**Cinema:**

**Latcho Drom (1993), Tony Gatlif**

**Tertúlia:**

**Latcho Drom - Nómadas com Asas... Músicos por Inerência**

**Colaboradores Convidados:**

**Cristina Coelho (bailarina), Duarte (fadista)**

**Testemunhos**

**Paula Soares, Mãos que se aquecem ao fogo - Nómadas com Asas - Músicos por  
Inerência (2008)**

## Mãos que se aquecem ao fogo - Nómadas com Asas - Músicos por Inerência

**Paula Soares**

*O cinema é o território sagrado onde se inventa um chão e nos sentamos com os deuses. O lugar onde, também nós somos deuses. no momento dessa relação, estamos fundando um tempo fora do tempo. e nos religamos com o universo. É isso que torna num momento divino esse pequeno delírio que é o acto de criar...*

(Variação de Paula Mar sobre citação de Mia Couto na introdução a 'Momentos de Aqui' do jovem escritor Angolano Ondjaki...)

Neste projecto matinés cinéfilas que temos vindo a edificar desde março de 2007, fomentamos vivências multiculturais de múltiplos lugares deste nosso planeta em crise transformadora, com o intuito de, gradualmente, revelarmos arquétipos que unem a humanidade...

Um manifesto apologista da alquimia das armas...

Aquelas que se transformam em guitarras...

Guitarras que tocam cordas de alma de quem as escuta...

Apresentámos o exímio filme *Latcho Drom* como tributo às rotas da alma cigana... um nicho cultural ainda hoje em dia perseguido, infelizmente, incompreendido...

Mãos que se aquecem ao fogo,

Nómadas com asas,

Músicos por inerência...

Tony Gatlif prenda-nos na grande tela com sons e imagens que retratam momentos do sentir dos tsiganes colocando a câmara predominantemente no plano de percepção das crianças... Crianças que aprendem as leis da sobrevivência a par com ritmos musicais devolvendo-lhes capacidades inatas de expressarem os seus sentimentos... algo que as sociedades ocidentais foram extinguindo...

Desenvolvemos, conscientemente, o cérebro a partir do Iluminismo, mas somente uma parte...

as vivências que edificam os fotogramas da alma humana emergem do sentir, não do pensar...

O chakra do coração, o sagrado coração de maria (esse algo que muitos cristãos pregam, mas não praticam...), o amor incondicional,... vivencia-se no pulsar do coração, não no pensar...

A grande rota de Latcho Drom guiou-nos do Rajastão (Índia) à Península Ibérica (Badajoz) continuando no palco do Auditório do Redondo com dança pela bailarina Cristina Coelho ao som de Carlos Paredes... uma vivência inesquecível...

Na enoteca do Redondo iniciámos a noite cigana com o habitual chá...

o buffet foi inaugurado com dança e chuva de pétalas...

nas mesas surgiram velas...

O fadista Duarte cantou sons de alma que Cristina Coelho acompanhou dançando...

(Re)surgiu o fado dançado nas matinés cinéfilas numa sala de abóbadas no seio do velho castelo do redondo...

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

14 Dezembro 2008

## sessão 16

### Libertem Willy - Cinemateca Júnior

#### Cinema:

**Libertem Willy (1993) Simon Wincer**

#### Tertúlia:

**Libertem Willy - Cinemateca Júnior**

#### Colaboradores Convidados:

**Raquel Soares (Cinéfila Júnior) , João Maria Bastos (Cinéfilo Júnior), João Jorge  
(Cinéfilo Júnior)**

#### Testemunhos

**Raquel Soares, Libertem o Willy**

## **Libertem o Willy**

### **Raquel Soares (Cinéfila Júnior)**

Entre os meus 10 e 13 anos fiz um percurso de cinema por todas as sessões realizadas pelas Matinés Cinéfilas. Fiquei a conhecer diferentes tipos de cinema como o cinema iraniano e o cinema multicultural... Ao ter conhecido outras culturas, outras gastronomias, outras danças, ajudou-me a criar uma relação de maior proximidade com culturas distantes e diferentes da minha. Após alguma experiência como cinéfila júnior, comecei a participar mais activamente como voluntária no staff da organização. Foi-me proposta a realização de uma sessão de cinema para os mais jovens. Escolhi o filme “Libertem o Willy” por ser um filme com uma mensagem que vai para além da libertação de uma orca, simboliza também que conseguimos ser livres apesar de todas as controvérsias. Depois desta sessão seguiu-se uma visita vivencial à Ludoteca do Redondo onde os mais jovens, incluído eu, puderam experimentar os recursos lúdicos da Ludoteca como por exemplo casinhas alentejanas em tamanho “Alentejo dos pequeninos” seguido de uma celebração com fogo de chão na cozinha alentejana da Ludoteca.

# sessão 17

## **La Dignidad de Los Nadies - Cinema Argentino para lá do Che e do Tango**

### **Cinema:**

**La Dignidad de Los Nadies (2005), Pino Solanas**

### **Tertúlia:**

**Cinema Argentino - Para lá do Che e do Tango**

### **Colaboradores Convidados:**

**Pablo Vidal (músico), Susana Gutierrez (performer), Tózé (músico)**

### **Testemunhos**

**Matinés Cinéfilas, Cinema Argentino - Para lá do Che e do Tango - Prólogo**

**Pablo Vidal, Epílogo**

## Cinema Argentino - Para lá do Che e do Tango

### **Matinés Cinéfilas**

#### Prólogo & Prolegomena

Do cineasta argentino

Fernando 'Pino' Solanas,

é o filme escolhido

que servirá como ponto de partida

para a divulgação do

conhecimento cultural

sobre a Argentina contemporânea

que se nos revela

para lá do Che e do tango...

Cultura é vivência quando as projecções que fazemos de outras culturas se cruzam com as percepções que nos são reveladas...

A Argentina cliché que projectamos no tango, no Che Guevara, no Jorge Luis Borges... surge-nos revelada, ampliada... em *La Dignidad de los Nadies* (2005) de Pino Solanas...

Pino Solanas conta-nos a

história dos ninguém,

de homens e mulheres,

como tantos argentinos,

sem recursos e sem nome,

que sempre sofreram despejos e adversidades,

o povo 'del aguante',

que leva como bandeira,

a sua coragem e dignidade...



Pablo Vidal, músico argentino residente em Portugal, apresentou-nos a temática histórico-política que permeia as raízes culturais deste filme de cariz iniciático ao conhecimento da Argentina profunda...

Do nada,

de nada mesmo,

nasce solidariedade inquestionável...

Refeitórios comunitários,

Hospitais de rua,

Mulheres que fazem do hino cantado a sua forma de resistência...

Operários que recuperam fábricas que faliram recorrendo a novos modelos de auto-gestão sustentável...

Grandes, grandes lições de vida inspiradoras para novas realidades sociais a desenvolver neste planeta em crise transformadora...

Para além deste filme inesquecível, Pablo Vidal e Susana Gutierrez trouxeram-nos também a Chacarera, uma dança tradicional argentina, o malte argentino, as panquecas com doce de leite, a generosidade da partilha e a certeza sonora de que  
america latina vencerá...

agradecemos as vivências que nos proporcionaram...

Agradecemos também ao Tózé, guitarrista da banda Uxu Kalhus, a energia positiva e os solos de guitarra inesquecíveis...!

## Epílogo

### **“La Dignidad de Los Nadies” (A Dignidade dos Ninguém)**

**Pablo Vidal**

O que sucede quando os ninguém, os relegados de sempre começam a levantar a sua voz? Quando os esquecidos da historia se organizam e resistem?

Nesse momento em que eles são protagonistas da historia, toda a sociedade que os desprezava agora começa a temer-los, é um momento de ruptura ou de novos interesses?

Tudo isto num triz de mudar para sempre, e a velha mentira é reciclada novamente?

Aquela realidade tão do terceiro mundo pode estar a tocar as portas de Europa mediterrânea agora?

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

15 Fevereiro 2009

# sessão 18

**Antes do Amanhecer -**

**Cinema sobre o Amor**

**Cinema:**

**Antes do Amanhecer (1995), Richard Linklater**

**Tertúlia:**

**Os Dias do Amor - Sessão Poética**

**Colaboradores Convidados:**

**Cinéfilos, Trovadores & Poetas**

**Testemunhos**

**Matinés Cinéfilas, Manifestações do Amor - Antes do Amanhecer**

**Beatriz Barroso, Invento-me**

**Manifestações do amor... Antes de amanhecer...**

**eros ἔρως... ágape ἀγάπη... philia φιλία...**

**Matinés Cinéfilas**

No fim de semana

em que se celebra

o dia de São Valentim,

el día del amor y la amistad,

ystävänpäivä,

alla hjärtans dag ...

o tema da sessão de Fevereiro

das matines cinéfilas centrar-se-á

em torno das manifestações do amor...

Partindo do filme de culto

**Antes do Amanhecer**

de Richard Linklater,

iremos desbravar

as múltiplas formas de

trovar o amor...

os amores presentes,

os amores ausentes,

os amores vividos,

os amores sonhados,

os amores sofridos,

os amores celebrados

os amores com asas...

## **invento-me...**

invento-me neste desejo de te abraçar...  
invento-me hera, planta trepadeira,  
agarro minhas gravinas,  
minhas expansões, com força,  
em tuas estacas, para me poder à terra fixar...

invento-me abelha, insecto,  
apenas para invadir tua flor,  
que nasceu de meu desejo,  
para em teu mel, esse néctar,  
a minha sede eu poder saciar...

invento-me leoa perdida de seu cio,  
à procura de um trilho, um sinal, rasto teu,  
para que na floresta da vida,  
eu te possa encontrar...

invento-me vento, nortada, brisa, aragem,  
para de forma empolgada,  
agitar teu rio, ondular teu mar...

invento-me, nestas todas metamorfoses  
de ser eu própria, que trago silenciadas no meu espírito,  
e ensaio-me assim, neste ser,

nestas mil formas adoptadas,

só porque te encontre ao inventar-me,

mas porque te invento somente a ti!

("Invente-me"(1952)de Beatriz Barroso, in 'Os dias do Amor: Um poema para cada dia do ano' (2009)

Ministério dos Livros Editores)

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

15 Março 2009

# sessão 19

## A Magia do Barro

### Cinema:

**O Barro é dos Oleiros (2008), José Coimbra e Tiago Guimarães**

### Tertúlia:

**Oleiros e Almocreves do Redondo**

### Colaboradores Convidados:

**Luisa Calapez (museóloga), Oleiros & Almocreves**

### Testemunhos

**Luisa Calapez, O Barro é dos Oleiros - Modelagem, Memórias & Imagens**

**Paula Mar & Ulisses do Monte, Da Argila e do Fogo**

## **O Barro é dos Oleiros - Modelagem, Memórias & Imagens**

**Luisa Calapez**

Redondo foi terra de oleiros, artesãos que souberam invocar os poderes da terra, da água, do ar e do fogo, dar vida a pequenos pedaços de barro transformando-os, como que por magia, em peças dignas de um verdadeiro artista.

Quando o Município de Redondo me lançou o desafio de elaborar o plano museológico para o futuro Museu do Barro, foi com entusiasmo e carinho que abracei este projecto. O Museu do Barro é uma homenagem aos oleiros desta vila, às mulheres que deram o seu cunho pessoal à pintura das peças e aos almocreves que divulgaram de norte a sul do país a olaria de Redondo.

No âmbito deste projecto surgiu a ideia de um documentário que retrata-se o trabalho dos oleiros desde a extracção da matéria prima nos barreiros locais até ao produto final: a peça.

O Tiago Guimarães e o José Coimbra souberam transmitir através da imagem o trabalho dos oleiros, a sua arte, o seu saber de trabalhar o barro, o seu amor e empenho por esta arte que tenta sobreviver nesta terra que já foi conhecida como terra de oleiros.

O Museu do Barro salvaguarda a memória desta arte tradicional de Redondo e dos homens e mulheres que deram vida ao barro que continua a ser dos oleiros...



## **Da Argila e do Fogo**

**Paula Mar & Ulisses do Monte**

da argila e do fogo

emergem palavras

poemas

poetisas

planícies

mares

... chegaram a ser mais de 100 oleiros

outros tantos almocreves...

longe da azáfama

e da produção oleira de outros tempos,

os mestres de redondo ainda moldam,

nas olaria que restam

a arte de

dar forma

e cor

às argilas...

este filme é sobre o barro

e sobre tudo o que ele fez germinar:

trabalho arte,

cultura,

tradição,

artesãos,  
viajantes,  
comerciantes,  
prosperidade,  
sobrevivência  
e poucas saudades...

...em dois tempos distintos,  
o passado revela-se num presente  
que se vai desvanecendo nos que resistem,  
tal qual a argila ao fogo.....

nesta sessão especial das matinés cinéfilas contámos com a presença dos cineastas, de oleiros e  
almocreves...

após o visionamento do filme o barro é dos oleiros, seguiu-se uma visita ao museu do barro e  
olarias... culminando num chá-debate na enoteca que se situa dentro do castelo (perto do Museu  
do Barro e algumas olarias)

da argila e do fogo

emergem

potes

panela(s)

pintura(s)

película(s)

palavra(s)

poema(s)

poesia

poetisa(s)

planície(s)

mar(es)

mãos que moldam o barro...

argila que nos liga à terra

consciência de dar forma...

(n)a eterna roda da vida...

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

28 Junho 2009

# sessão 20

## Cinema & Pintura

**Cinema:**

**O Meu Amigo Mike ao Trabalho (2008), Fernando Lopes**

**Tertúlia:**

**Cinema & Pintura - Do Écran à Tela**

**Colaboradores Convidados:**

**Michael Biberstein**

**Testemunhos**

**Cartaz**

O meu amigo Mike  
ao trabalho

UM FILME DE FERNANDO LOPES COM O PINTOR MICHAEL BUBERSTEIN

[illegible]

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

20 Setembro 2009

# sessão 21

## Home - O mundo é a Nossa Casa

**Cinema:**

**Home - O Mundo é a Nossa Casa (2009), Yann-Arthus Bertrand**

**Tertúlia:**

**Cinema e Eco-Geo-Consciência**

**Colaboradores Convidados:**

**Eco-Museu do Redondo**

**Testemunhos**

**Matinés Cinéfilas, Eco-Geo-Consciência no Alentejo**

## **Eco-Geo-Cosciência no Alentejo**

### **Matinés Cinéfilas**

Celebrámos eco-geo-consciência na rentrée das matinés cinéfilas...

Visionámos 'Home - o mundo é a nossa casa' de Yann Arthus-Bertrand... um filme de culto e 'obrigatório' para todos aqueles que se preocupam com o futuro da biosfera... uma viagem em torno do planeta que nos devolve às essências da humanidade e sua relação inconsciente com o meio envolvente..

Eco-geo-consciência...

seguimos em direcção à Serra de Ossa...

saboreámos o cheiro a campo...

visitámos o ecomuseu do redondo...

culminámos com pôr-do-sol banhados por vinhas

em torno de uma mesa de petiscos

servida pela casa do Povo de Freixo...

## sessão 22

### **O Homem da Câmara de filmar - Cinema Russo**

**Cinema:**

**O Homem da Câmara de Filmar (1929), Dziga Vertov**

**Tertúlia:**

**Cinema Russo**

**Colaboradores Convidados:**

**Centro Cultural do Redondo**

**Testemunhos**

**João Jorge, ‘O homem da máquina de filmar’ de Dziga Vertov**



## **‘O homem da máquina de filmar’ de Dziga Vertov**

### **João Jorge (Cinéfilo Júnior)**

Da sessão  
ao jantar  
um bom serão  
passado no chá de luar

Recordo-me de uma das varias sessões que eu assisti nas "matines cinéfilas", recordo-me dessa sessão em que era um domingo outonal com sol na vila de Redondo, onde foi projectado o filme "O Homem da maquina de filmar"

Filme antigo dos anos ´20 do século XX - obra muito avançada para sua época uma das primeiras a utilizar efeitos especiais.

Um filme que mostrava a vida quotidiana daquela época.

Esse também era um pouco o espírito das "matines cinéfilas" falar do filme e também de tudo o que está a volta.

Para as "matines cinéfilas" a sessão não se limitava a "passar" o filme, mas falar das ideias e dos sentimentos que transmitia o mesmo, e também o convívio que havia entre os cinéfilos.

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

22 Novembro 2009

## sessão 23

**Ser e Ter - Na Sala das Tartarugas**

**Cinema Francês**

**Cinema:**

**Être et Avoir (2002), Nicolas Philibert**

**Tertúlia:**

**Ser e Ter - Na Sala das Tartarugas - Cinema Francês**

**Colaboradores Convidados:**

**Cinéfilos e Pedagogos**

**Testemunhos**

**Paula Mar, Na Sala das Tartarugas (2009)**

## Na sala das Tartarugas...

Paula Mar

Numa sala onde habitam tartarugas...

um professor de vocação revela-nos essências do ser...

transporta-nos para um reino onde a dedicação a uma causa integra a vida...

Revela-nos o respeito pelos ritmos de percepção de cada um...

contrastes

realidades possíveis!

alquimia no écran...

cine-viagem às memórias de infância...

memórias que todos arquivamos

nos ficheiros dos nossos écrans interiores...

sincronidades entre écrans interiores e écrans exteriores...

portais de viagem ao interior profundo do ser...

arquétipos de vocação realizada...

lição de vida

jojo e a descoberta do infinito...

ter a essência do ser...

gratidão...

tertúlia simpósio...

convidámos héstia...

dança de sabores regionais

temperada com conversas intemporais

lugares de rodagem que se transformam...

mãos que se lavam...

espíritos que se nutrem...

fumando cigarros cor-de-rosa atravessando a praça...

rota de regresso

per entre linhas luminosas...

que nos revelam o caminho...

uma lição de vida...

um (re)encontro com a tribo das matinés...

matinés cinéfilas

vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo

20 Dezembro 2009

# sessão 24

## O Balcão da Escola da Vida

**Cinema:**

**Passando á do Senhor Marôvas (2009), Aurora Ribeiro**

**Tertúlia:**

**O Balcão da Escola da Vida**

**Colaboradores Convidados:**

**Cineastas, Protagonistas, Produtores & Cinéfilos**

**Testemunhos**

**Matinés Cinéfilas, Um Guardião do Velho Mundo**

## **Um Guardiã do Velho Mundo**

### **Matinés Cinéfilas**

solstício de inverno 009

visionámos

com sala cheia de calor humano...

uma homenagem visual ao senhor marôvas...

um arquétipo,

um guardião

dum velho mundo...

o balcão,

escola de vida...

as antigas lojas tradicionais

lembram souks

e sótãos de canela...

um mundo que se manifesta

quando cruzamos a porta da loja

do senhor marôvas...

aquela loja no redondo...

onde

ao longo

de longas,

longas

décadas

o senhor marôvas

colocava

dia

após

dia

cada

peça...

pela manhã...

pela tarde...

uma instalação

diária

e permanente...

com a persistência

e dedicação

de um guardião do templo...

uma história de vida eternizada no écran...

pasa

passan

passando

passando à

passando à do senhor

passando à do senhor marôvas...

o tema senhor marôvas do compositor ivan moody envolve este documentário de cine-poesia...

culminámos...

caminhando pelas ruas...

saltando poças de água...

entre guarda-chuvas...

em busca de sabores do oriente...

encontrámos sabores balcânico-helénicos...



matinés cinéfilas  
vivências de cinema & multiculturalidade no alentejo  
17 Janeiro 2010

## sessão 25

**Fleurette -**

**Cinema Francês**

**Cinema:**

**Fleurette (2002), Serge Trefaut**

**Tertúlia:**

**Documentário Autobiográfico**

**Colaboradores Convidados:**

**Serge Trefaut**

**Testemunhos**

**Das Palavras do Autor do Filme**

## **Das Palavras do Autor**

### **Serge Trefaut**

".....Fico contente por programarem «Fleurette» no Redondo.

De todos os trabalhos que fiz, «Fleurette» é aquele de que mais gosto

Neste filme procurei responder a três pequenas perguntas:

- Será que conhecemos as pessoas que nos são próximas?
- Será que as queremos conhecer?
- E elas? Querem que nós as conheçamos?

Retratar aquilo que nos é muito próximo representa um desafio.

Não é fácil estar suficientemente perto para transmitir o tom e a cor exacta de uma relação familiar, e suficientemente distante para que os contornos do retrato não apareçam distorcidos.

Como fazer um retrato simultâneamente incisivo e com amor

Como assumir a nossa subjectividade e garantir que, no final, os outros se reconhecem?

Foi o que tentei fazer.

O filme acabou por ter funções de terapia familiar e de catarse.

Em particular para a minha mãe, que expôs durante a rodagem uma vida de segredos desconhecidos de toda a família.

Mamãe falava sempre deste documentário, com o seu sotaque muito carregado, como «O MEU FILME» ( o filme dela).

Hoje Mamãe já não é viva.

Ela gostava muito do Alentejo e eu imagino-a hoje a assistir,

mais uma vez, no Redondo, « AO FILME DELA»..... "

## sessão 26

### **A Noite em que Fernando Pessoa se encontrou com Konstatinos Kavafis**

**Cinema:**

**A Noite em que Fernando Pessoa se encontrou com Konstatinos Kavafis (2008),  
Stello Charalambopoulos**

**Tertúlia:**

**As nossas Ítacas**

**Colaboradores Convidados:**

**Fernando Pessoa, Konstatinos Kavafis**

**Testemunhos**

**Ítaca, Kavafis**

**Vai alta no Céu a Lua da Primavera, Pessoa**



## Ítaca | Konstantinos Kavafis

quando partires, em direcção a Ítaca,  
que a tua jornada seja longa  
repleta de aventuras, plena de conhecimento.

não temas laestrigones e ciclopes nem o furioso poseidon;

não irás encontrá-los durante o caminho,  
se o pensamento estiver elevado, se a emoção  
jamais abandonar o teu corpo e o teu espírito.

laestrigones e ciclopes e o furioso poseidon

não estarão no teu caminho

se não os levores na tua alma,

se a tua alma não os colocar diante dos teus passos.

espero que a tua estrada seja longa.

que sejam muitas as manhãs de verão,

que o prazer de ver os primeiros portos

traga alegria nunca vista.

procura visitar os empórios da fenícia

recolhe o que há de melhor.

vai às cidades do egipto,

aprende com um povo que tem tanto a ensinar.

não percas ítaca de vista,  
pois chegar lá é o teu destino.  
mas não apresses os teus passos;  
é melhor que a jornada dure muito anos  
e o teu barco só ancore na ilha  
quando já estiveres enriquecido  
com o que conheceste no caminho.

não esperes que ítaca te dê mais riquezas.  
ítaca já te deu uma bela viagem;  
sem ítaca, jamais terias partido.  
ela já te deu tudo, e nada mais te pode dar.

se, no final, achares que ítaca é pobre,  
não penses que ela te enganou.  
porque te tornaste um sábio, viveste uma vida intensa,  
e este é o significado de ítaca.

## **vai alta no céu a lua da primavera | alberto caeiro (fernando pessoa)**

vai alta no céu a lua da primavera  
penso em ti e dentro de mim estou completo.

corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.  
penso em ti, murmuro o teu nome: e não sou eu: sou feliz.

amanhã virás, andarás comigo a colher flores no campo,  
e eu andarei contigo pelos campos ver-te colher flores.  
eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,  
pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a colher flores,  
isso será uma alegria e uma verdade para mim.

# sessão 27

**Há festa na vila -**

**Cinema Francês**

**Cinema:**

**Jour de Fête (1949), Jacques Tati**

**Tertúlia:**

**Há festa na vila - Cinema Francês**

**Colaboradores Convidados:**

**O Carteiro da Vila**

**Sem Testemunhos**

## sessão 28

### **Páre, Escute e Olhe**

**Cinema:**

**Pare, Escute e Olhe (2009), Jorge Pelicano**

**Tertúlia:**

**Pare, Escute e Escreva**

**Colaboradores Convidados:**

**Jorge Pelicano (cineasta)**

**Testemunhos**

**Matinés Cinéfilas, Cinema de Coragem (2009)**

## **Cinema de Coragem**

### **Matinés Cinéfilas**

ao longo dos tempos o cinema foi tendo variadíssimas funções...

nos momentos em que grande parte das instituições existentes foram perdendo a integridade que permitia a confiança dos seus cidadãos... é gratificante verificar que existem realizadores de coragem como jorge pelicano... que fazem do seu talento de captar imagens, ângulos, sensibilidades... um farol que ilumina áreas de vida que de outro modo não teriam expressão... pare, escute, olhe coloca na grande angular profundidades de um país que ainda não se aprendeu a ver como um todo...

foi uma grande honra para as matinés cinéfilas contarmos nesta sessão com a presença de um realizador promissor do 'cinema de coragem': jorge pelicano...

(para aqueles que acompanham connosco a 'história' das matinés cinéfilas... que em breve será editada em livro... recordamos que a estreia das matinés cinéfilas se fez em março de 2007 com a projecção do filme 'ainda há pastores' de jorge pelicano... alfa e ómega nas matinés cinéfilas)



## A concluir...

O 'Projecto Piloto Matinés Cinéfilas - Cinema & Multiculturalidade no Alentejo (CIEP-UE 2007-2010)' teve por objectivo contribuir, a partir do prisma emergente da 'investigação-acção'<sup>7</sup>, para a aproximação entre a Universidade de Évora e as Comunidades Envolventes, tendo tido o seu enfoque no âmbito da activação de parcerias com o Centro Cultural do Redondo e as entidades culturais adjacentes localizadas nesta Comunidade do Alentejo. Isto porque uma das soluções para a superação da actual 'crise global' se situa no enfoque e na ampliação das potencialidades inerentes ao 'desenvolvimento local'.

A rede global GUN - Global University Network for Innovation, trabalha há já vários anos no âmbito da procura de Novos Paradigmas para as Universidades do planeta. Actualmente o enfoque desta rede global de vanguarda e referência para as Universidades do planeta, coloca-se na promoção de projectos de investigação que incentivam a 'construção de conhecimento para a transformação social' a partir da prioridade de estabelecimento de relações entre as Universidades e as Comunidades Envolventes.

No âmbito desta abordagem encontramos exemplos de grande sucesso no seio do 'Movimento de Transição' (*Transition Network*<sup>8</sup>) iniciado a partir do Reino Unido e em franca expansão pela Europa e pelo resto do mundo. Em Portugal existem neste momento (2012) '17 Iniciativas de Transição' oficialmente registadas na rede 'Transition Network'. Das 17 'Iniciativas de Transição', 3 situam-se no Alentejo:

Évora - Gaia em Harmonia - Iniciativas de Transição

Portalegre - Portalegre em Transição

Odemira - Aldeia das Amoreiras Sustentável

---

<sup>7</sup> Por 'investigação-acção' (research in action) entende-se uma ligação estreita entre 'teoria' e 'prática', entre a investigação de novos paradigmas e sua aplicação directa no 'terreno'. Em tempos de crise global transformadora em todo o planeta, espera-se que as 'Academias do século 21' contribuam de um modo pró-activo para a co-criação de soluções para as Novas Culturas do Planeta. Para tal é absolutamente necessário desbravar Novas Metodologias, Novas Práticas, Novas Abordagens, Novos Conceitos, Novas Relações com o Meio Envolvente...

<sup>8</sup> Recomenda-se a leitura do livro Rob Hopkins (2008), 'The Transition Handbook - From Oil dependency to local resilience', Chelsea Green Publishing. Rob Hopkins é o fundador do Movimento de Transição. Recomenda-se também a consulta da página oficial da 'Transition Network' onde se encontram todas as referências, mapas, contactos e informações sobre as mais de 1000 Iniciativas de Transição no planeta.

E para concluirmos com o 'espírito' das matinés cinéfilas... Propomos o visionamento do filme 'Transition 2.0' (2012) de Emma Goude. <http://www.intransitionmovie.com/pt/> seguido de Tertúlia Vivencial que poderá ocorrer em qualquer ponto do planeta...

De destacar também a TU-FCUL - Transição Universitária da Faculdade de Ciências de Lisboa, com especial enfoque na 'Transição Universitária' necessária para garantir 'Academias Sustentáveis no Futuro'...

Agradecemos a todas as pessoas que participaram nas 28 sessões das *matinés cinéfilas* e que desse modo contribuíram para o sucesso deste Projecto Piloto de Investigação-acção integralmente realizado em Regime de Voluntariado sustentado em pilares de vanguarda de 'Educação & Comunidade' visando o contributo para co-criação de Culturas Evolucionárias que se experimentam e vivenciam como 'laboratórios criativos de mudança social e cultural'...

O Diário de Bordo das sessões aqui apresentadas pretende incentivar a co-criação de eventos semelhantes em Comunidades Locais de todo o planeta...

*matinés cinéfilas*

Desenvolvimento Local - Conhecimento Global

**Projecto Matinés Cinéfilas**

**Vivências de Cinema e Multiculturalidade no Alentejo**

**Diário de Bordo**

**Estilo**

**Educação & Comunidade**

**Chá de Luar**

**sessão 1**

**Pastores da Serra da Estrela - Património Cultural em Extinção?**

**sessão 2**

**Buena Vista Social Club - Espólios Musicais de Cuba**

**sessão 3**

**Mondovino - Enocultura**

**sessão 4**

**Novos Cineastas no Alentejo**

**sessão 5**

**Kiarostami - Cinema Iraniano**

**sessão 6**

**Novos Cineastas no Alentejo - Curtas Metragens & Café Concerto**

**sessão 7**

**Cinema Angolano, Cachupa Alentejana & Poesia**

**sessão 8**

**O Círculo - Percepções do Feminino no Cinema Iraniano**

**sessão 9**

**Mensageiros da Índia: -**

**Do Upanayana ao Matrimandir**

**sessão 10**

**Baraka - Arquétipos na Mochila & Multiculturalidade(s) no Écran**

**sessão 11**

**Memórias da Humanidade - A Lenda da Atlântida**

**sessão 12**

**Encontros - Poesia no Écran**

**sessão 13**

**Polifonias - Viagens Sonoras do Alentejo à Córsega**

**sessão 14**

**Close-Up de Abbas Kiarostami - Cinema Iraniano**

**sessão 15**

**Latcho Drom - Nómadas com Asas - Músicos por Inerência**

**sessão 16**

**Libertem Willy - Cinemateca Júnior**

**sessão 17**

**La Dignidad de Los Nadies - Cinema Argentino para lá do Che e do Tango**

**sessão 18**

**Antes do Amanhecer - Cinema sobre o Amor**

**sessão 19**

**A Magia do Barro**

**sessão 20**

**Cinema & Pintura**

**sessão 21**

**Home - O mundo é a Nossa Casa**

**sessão 22**

**O Homem da Câmara de filmar - Cinema Russo**

**sessão 23**

**Ser e Ter - Na Sala das Tartarugas - Cinema Francês**

**sessão 24**

**O Balcão da Escola da Vida**

**sessão 25**

**Fleurette - Cinema Francês**

**sessão 26**

**A Noite em que Fernando Pessoa se encontrou com Konstatinos Kavafis**

**sessão 27**

**Há festa na vila - Cinema Francês**

**sessão 28**

**Pare, Escute e Olhe**

**A concluir...**